INSTITUTO FEDERAL
PARANÁ

PDE | PRONATEC
PROGRAMA NACIONAL DE ACESSO AO ENSINO TÉCNICO E EMPREGO

AGENTE CULTURAL

Agradecimento

Este material didático foi fornecido gentilmente pela Rede e-Tec, para o uso exclusivo de cursos de Formação Inicial e Continuada - FIC no âmbito do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico de Emprego - Pronatec.

Agradecemos a atenção e dedicação que o Rede e-Tec tem com o programa de qualificação profissional Pronatec.

PDE | PRONATEC

PROGRAMA NACIONAL DE ACESSO AO ENSINO TÉCNICO E EMPREGO

INSTITUTO FEDERAL
PARANÁ

Curitiba
2013

profuncionário

Curso Técnico de Formação para os Funcionários da Educação

Oficinas culturais

TÉCNICO EM MULTIMEIOS DIDÁTICOS

Brasília – 2009

Governo Federal

Ministério da Educação

Secretaria de Educação Básica

Diretoria de Políticas de Formação, Materiais Didáticos e de Tecnologias para a Educação Básica

Universidade de Brasília(UnB)

profuncionário

Curso Técnico de Formação para os Funcionários da Educação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P644o Pimentel, Graça.

Oficinas Culturais. / Graça Pimentel, Liliane Bernardes Carneiro, Jacinto Guerra. – Brasília : Universidade de Brasília, 2009.

104 p.

ISBN: 978-85-230-0978-6

1. Processo pedagógico. I. Carneiro, Liliane Bernardes. II. Guerra, Jacinto. III. Título. IV. Universidade de Brasília. Centro de Educação a Distância.

CDD 370.1

Apresentação

Com certeza você adquiriu conhecimentos bem interessantes a respeito de uma visão nova e mais abrangente de seu trabalho na escola. Você percebeu que é possível o profissional da educação transformar atividades rotineiras em trabalhos fascinantes para a educação das novas gerações.

Acreditamos que seu esforço no sentido de aprender – **e de colocar em prática seus novos conhecimentos** – será de fundamental importância para a melhoria da realidade de sua escola. Com isso, você alcançará um horizonte muito mais amplo! É importante ressaltar que toda comunidade obterá ganhos, uma vez que a educação atravessa fronteiras no espaço e no tempo.

Às vezes, pequenas atitudes podem fazer uma grande diferença. É muito gratificante a sensação de ser capaz de melhorar o ambiente próximo de nós – a escola onde trabalhamos –, porque isto repercute no bairro e na cidade onde vivemos. Por falar nisto, é interessante lembrar o que disse o poeta **Carlos Drummond de Andrade**, mostrando a importância da cidade, morada do homem:

"Depois da cidade, o mundo; depois do mundo, as estrelas".

Contribuindo para melhorar a educação e a cultura na cidade, que é nossa pátria pequena, estamos ajudando a melhorar a qualidade de vida em nosso país, estamos construindo o futuro do Brasil. Quando falamos na cidade, que é uma espécie de capital do município, não podemos nos esquecer da zona rural, dos povoados, dos sítios e das fazendas – com seu povo trabalhador, suas escolas, seus estudantes e seus profissionais da educação – que precisam e merecem todos os benefícios de quem mora e trabalha nas cidades.

Neste módulo, vamos tratar exatamente do que nos cerca e nos faz ser o que somos, nos faz cultivar atitudes e acreditar em nossos valores. Vamos ver nossa imagem refletida no espelho e teremos orgulho do que vamos ver.

Vamos falar da nossa riqueza cultural, plural em sua essência, já que as diversas Regiões do Brasil apresentam características singulares, formadoras de uma única e rica imagem, cheia de sons, cores e cheiros que nenhum outro lugar do mundo possui. Você, trabalhador em educação, tem a oportunidade de fazer a diferença, estimulando, cuidando e preservando a imagem de sua escola, da cidade onde vive – e, por extensão natural, a imagem do Brasil de hoje e do futuro.

Por falar nisto, o futuro de nossos filhos e netos está muito próximo. Lá no Amazonas, o poeta Tiago de Melo disse que "o futuro começa a cada manhã que nasce", e a sabedoria popular aconselha: "Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje".

OBJETIVO

Ampliar o conhecimento dos **funcionários da educação** a respeito de oficinas culturais para que possam atuar no processo pedagógico da escola contribuindo para a manifestação da identidade cultural de sua cidade e de sua Região.

EMENTA

Educação e cultura. O Brasil e a diversidade cultural. Cultura erudita, cultura popular e cultura de massa. Identidade cultural da comunidade escolar. Atividades culturais na escola.

Sumário

UNIDADE 1 – Afinal, o que é cultura? **11**

UNIDADE 2 – Breve histórico da cultura no Brasil **23**

UNIDADE 3 – Escola pública: pólo irradiador de cultura **69**

UNIDADE 4 – Idéias para colocar em prática na escola **83**

CONSIDERAÇÕES FINAIS 100

REFERÊNCIAS 101

1

Afinal, o que é cultura?

1 Afinal, o que é cultura?

Ao nos perguntarmos "o que é cultura?", boas respostas podem vir ao nosso pensamento. Quem já não ouviu expressões do tipo: "Este povo não tem cultura", "Este povo não sabe o que é boa música", "Este povo não sabe o que é arte". Afinal, você sabe o que é cultura? Como ela se manifesta na sua vida?

Então, vamos agora ver como podemos conceituar cultura.

Cultura é tudo o que resulta da criação humana.

Podem ser coisas materiais: objetos manufaturados, produtos de uso cotidiano, instrumentos variados; e, também, coisas imateriais: como linguagens, idéias, concepções de realidade, produções artísticas; além de símbolos, valores, pensamentos, religião, costumes, instituições, que fazem parte da sua cultura. A cultura de um povo é seu patrimônio cultural, que possui duas vertentes:

Patrimônio material: ***um monumento em praça pública, uma igreja, uma obra de artes plásticas, um conjunto arquitetônico, um palácio.***

Patrimônio imaterial: ***uma peça de teatro, uma festa popular, uma banda de música, um coral, uma receita de culinária.***

Entendendo cultura dessa forma, relacione duas colunas, sendo a primeira com patrimônios materiais que fazem parte da sua cultura local e a segunda com patrimônios que não são materiais, mas estão presentes no seu jeito de ser e de viver. Anote os resultados em seu memorial.

Continuando nossa conversa, o homem, ao criar e transformar a realidade, é afetado por essas transformações e constrói sua identidade, sua personalidade e sua maneira de ver, pensar e sentir o mundo. Logo, não há cultura sem o homem, como não há homem sem que haja cultura.

IMPORTANTE

Ítalo Calvino ***diz "quem somos nós? Quem é cada um de nós senão uma combinação de experiências, informações, leituras e imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, em que tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras".***

Segundo um provérbio africano, "quando um homem morre é como se uma biblioteca inteira se incendiasse". E é mesmo.

O pensador Ítalo Calvino define bem o clássico: é aquilo que utilizamos em classe. O que os professores colocam na bibliografia dos cursos que lemos, discutimos e estudamos na sala de aula.

Quando você nasceu já encontrou uma sociedade estruturada com regras, valores, filosofias, costumes, verdades, idioma, religiões etc. Então, aos poucos, foi assimilando – isto é, conhecendo e aprendendo – tudo o que a sociedade lhe ofereceu. Chamamos esse processo de socialização, o que acontece no meio de grupos sociais a que pertencemos: a família, a escola, a religião.

Então, é certo que, de forma geral, o jeito de ser das pessoas que estão convivendo com você apresenta características comuns, que as tornam semelhantes entre si e diferentes de pessoas de outras culturas.

Desde o momento mais remoto da história da humanidade, observamos a presença da cultura. O ser humano criou pela primeira vez artefatos, instrumentos e códigos de linguagens e transmitiu-os a outra pessoa, mudando, para sempre, o sentido e a razão de sua existência.

Cultura era, então, o cuidado com tudo que dissesse respeito aos interesses do homem, quer fosse material ou imaterial. Para a manutenção desse cuidado, era preciso a preservação da memória e a transmissão de como deveria se processar esse cuidado. Daí o vínculo com a educação: "Cultivar o espírito". Nesse sentido, Marilena Chauí afirma que uma pessoa culta teria então uma subjetividade "cultivada para a verdade e a beleza, inseparáveis da natureza e do sagrado" (1986, p.11).

Vejamos, então, a origem da palavra cultura: O termo cultura vem do verbo latino **colere** ***que, originalmente, era utilizado para o cultivo ou o cuidado com a planta. Por analogia, o termo foi empregado para outros tipos de cuidados, como o cuidado com a criança (puericultura) ou o cuidado com os deuses (culto).***

Concluindo, podemos entender a cultura como o conjunto de criações do espírito humano. E sendo assim, compreendemos ainda que, além de criada, ela também é aprendida. Os mais velhos transmitem aos mais novos, na medida em que estes vão definindo seu lugar na sociedade. Não há uma instituição maior que outra na função de transmitir cultura.

Pode ser transmitida na família, na escola, na comunidade – por meio da iniciativa de organizações governamentais ou não governamentais.

Nessa transmissão, podem ser utilizados produtos culturais, tais como eventos, festivais, espetáculos e, principalmente, os livros e os diversos tipos de mídia: revistas, jornais, rádio, televisão, internet.

A cultura designa uma estrutura social no campo das idéias, das crenças, dos costumes, das artes, da linguagem, da moral e do direito. Isto revela os modos de vida de um povo, em sua extensão e complexidade, e traduz-se nas formas de sentir, agir e pensar de uma coletividade que aprende, inova e renova seu próprio modo de criar e fazer as coisas.

Não podemos nos limitar a pensar a cultura apenas como manifestação cultural. É preciso ter o pensamento da cultura como parte da trajetória da raça humana, como a marca registrada pelo homem, porque o ato que gera a cultura é a criação, a invenção, a transformação.

Trabalhar a cultura é trabalhar com a revolução do próprio homem: sua construção, continuidade e percepção. A cultura faz com que você se olhe no espelho e se reconheça como o próximo, como o outro, como o diferente, como o igual, trabalhando sempre nas múltiplas possibilidades.

Você já percebeu que não vivemos em uma sociedade homogênea, que há diferenças entre as culturas. Toda produção cultural está sujeita a uma avaliação que depende da posição social do grupo a que ela pertence.

2 Cultura erudita

IMPORTANTE

Vamos começar procurando entender o que significa erudito:

Erudito significa que tem instrução vasta e variada adquirida, sobretudo, pela leitura.

Quem produz a chamada cultura erudita são as pessoas que fazem parte de uma elite social, econômica, política e cultural e seus conhecimentos são provenientes do pensamento científico, dos livros, das pesquisas universitárias ou do estudo em geral.

Podemos dizer, também, que a *cultura erudita* pode vir da produção acadêmica, centrada no sistema educacional, sobretudo na universidade, produzida por uma minoria de intelectuais.

Você com certeza já ouviu expressões assim: "José gosta de música erudita", "Maria tem uma linguagem erudita..."

Quando ouvimos dizer que fulano é erudito, significa que essa pessoa é dotada de muitos conhecimentos da cultura científica, da arte musical, da pintura, da literatura, do teatro, enfim, de todas as expressões culturais da elite.

Você deve estar pensando: Quer dizer que nem todas as pessoas têm acesso à cultura erudita?

– É verdade.

Quais outros elementos você citaria de nossa cultura que sofrem influências da classe erudita e popular?

O conhecimento erudito sempre esteve em oposição ao conhecimento da maioria da população.

Os cidadãos com maior poder aquisitivo têm melhores oportunidades de consumo de bens culturais: educação de qualidade, bons livros e revistas, concertos musicais e outros espetáculos, acesso à internet etc. As camadas populares nem sempre têm possibilidades de participar da cultura erudita, nem a produzindo, tampouco a consumindo. Assim, também em relação à cultura, fica fácil compreender as desigualdades existentes na sociedade.

Tendo em vista a importância da cultura, em sua crônica "Viagem ao Império dos incas" (1), Jacinto Guerra afirma:

> Nessa viagem ao Peru, a imagem que vai nos acompanhar pela vida inteira resume-se numa firme convicção: nada mais forte que a cultura de um povo. As civilizações pré-colombianas, representadas pelo seu povo mais conhecido, os *incas,* foram vencidas, dominadas e praticamente destruídas pelos conquistadores europeus. Os incas foram roubados, suas cidades e templos destruídos, seus líderes assassinados; o povo escravizado. Esta realidade parece viva até hoje, quinhentos anos depois, no rosto e nos olhos tristes de milhares de homens e mulheres descendentes de um povo que realizou feitos admiráveis: ergueu templos e cidades, construiu palácios e estradas, modelou o ouro, cultivou a terra, exerceu a justiça social, conquistou e governou outros povos. Quase tudo isso desapareceu. No entanto, hoje, quinhentos anos depois, o orgulho nacional dos descendentes dos vencedores e vencidos volta-se para o passado.
>
> Machu Pichu é um símbolo de grandeza e mistério que leva o nome do país a todas as partes do mundo. As artes e a cultura dos *incas* e de outros povos andinos, tão importantes quanto eles, estão em toda parte: nas igrejas, nos monumentos, nas escolas e nos museus, nas galerias de arte, na joalheria, no vestuário, na literatura, na música, na publicidade e até no bojo dos aviões que trazem os turistas do mundo inteiro (GUERRA, 2004, p. 51-55).

3 Cultura popular

Falar de cultura popular é bem mais fácil. Ela está mais acessível, mais próxima de nós, pois a cultura popular aparece associada ao povo. Ela não está ligada ao conhecimento científico. Pelo contrário, diz respeito ao conhecimento do povo, ao senso comum.

Muitas vezes, a cultura erudita, isto é, a cultura das classes dominantes, não é necessariamente tão diferente da cultura popular. Lembremos, por exemplo, que, nos últimos 2 mil anos, o Cristianismo foi praticado por dominantes e dominados; a língua portuguesa (sem tocarmos na questão da alfabetização) é falada em todo o Brasil; o futebol é praticado e apreciado em todas as classes sociais. O mesmo fato ocorre com outros elementos de nossa cultura.

Certas manifestações culturais agradam mais a determinadas parcelas da população que outras. Há cantores populares que, em certas regiões, são verdadeiros fenômenos de bilheteria e que em outras são completamente desconhecidos. Até mesmo quando se apresentam em outros palcos podem não agradar tanto, ou não agradar em nada. O impacto dessas produções culturais em populações diferentes pode ser influenciado pela mídia em áudio e vídeo, mas vamos desenvolver esse ponto melhor no próximo tópico.

Entendemos que a cultura popular manifesta a identidade de um povo. É a sua marca, porque forma elementos que a diferenciam dos demais. Se alguém cai no *samba*, temos uma imagem viva do Brasil; se vemos um casal dançando o *tango,* estamos na Argentina; mas se ouvimos um *fado*, já estaremos mais longe: chegamos a Portugal!

Quais outras manifestações populares identificam o povo brasileiro? Não se esqueça de anotar sua reflexão em seu memorial!

Nos capítulos mais adiante, vamos detalhar a riqueza da nossa cultura popular, isto é, do nosso folclore – e percorrer cada região deste nosso grande Brasil, bonito de se ver.

Você poderia descrever algumas atividades da cultura popular da sua região? O que predomina como popular? Quem são os agentes culturais de sua região, isto é, as pessoas mais conhecidas que fazem arte e cultura em sua cidade e nos municípios vizinhos? Anote em seu memorial.

A arte popular do século XVIII – com suas cantigas, danças, poemas e histórias registradas pelos estudiosos – é bem diferente de outras formas da moderna arte popular. Convivemos com novas artes, como o *rap*, o *hip-hop* e o *grafite*, que acontecem nas periferias dos grandes centros urbanos, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro.

A cultura popular pode, ao mesmo tempo, ser conservadora e inovadora, no sentido em que é ligada à tradição, mas incorpora novos elementos culturais. Muitas vezes, a incorporação de elementos modernos na cultura popular pode transformá-la demais. Neste caso, corre-se o risco de descaracterizá-la. Algumas festas tradicionais transformam-se em espetáculos para turistas. É o caso do carnaval do Rio de Janeiro e do bumba-meu-boi de Parintins, no Amazonas. Mas isso é

importante para desenvolver o turismo, uma das indústrias que contribuem para o crescimento econômico e social do Brasil, sobretudo no Nordeste, Região de grande potencial turístico.

Outro exemplo é a comercialização de produtos da arte popular. Na verdade, tanto a modernização das festas tradicionais quanto a ampliação de comércio do artesanato são estratégias modernas de preservar e desenvolver a cultura popular. Com isso, os produtores de arte popular ampliam seu mercado e melhoram sua qualidade de vida.

IMPORTANTE

4 Cultura de massa

No Módulo 10 – *Teorias da comunicação*, você leu sobre a comunicação de massa? Pois bem, não vai ser difícil fazer a relação com a cultura de massa. Mas vamos retomar alguns conceitos gerais.

Você também leu sobre a indústria cultural, que transforma conhecimentos, valores e gostos em mercadoria. Cultura de massa é a grande variedade de produtos que abrange os setores mais diversos: moda, lazer, cinema, esportes, televisão, rádio, jornais, revistas, espetáculos públicos, danças, literatura, música, enfim, tudo o que influencia o estilo de vida da sociedade, tendo como objetivo a obtenção de lucro. Por isso, a cultura de massa também pode ser chamada de indústria cultural.

Não é interessante pensar que a cultura pode ser vendida? Mas quando tudo isso começou?

A cultura de massa surgiu no início do século XX, provocada pelo desenvolvimento industrial dos meios de comunicação e pelo crescimento urbano.

Imagine as pessoas deixando suas terras e indo para as cidades em busca de melhores condições de vida. Imagine que no lugar onde moravam não existia televisão, cinema e nem as modernas tecnologias de som. O que faziam para se divertir? Com certeza, divertimento não faltava.

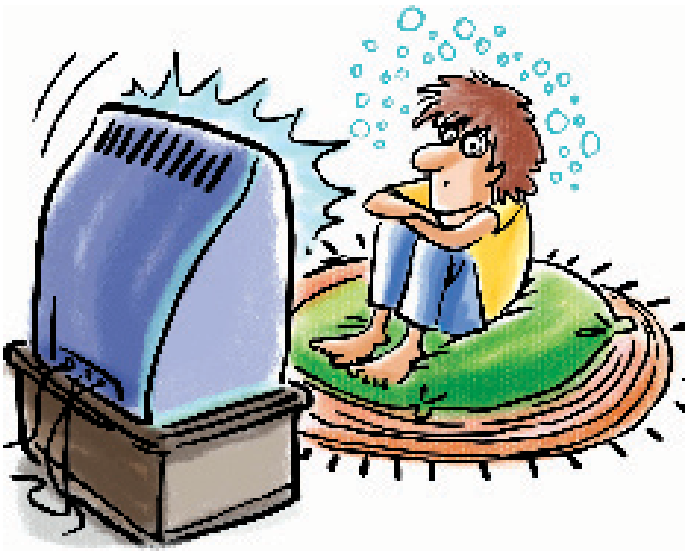
SAIBA MAIS

Aristocracia – ***do grego* aristoi *(melhores) e* kratos *(poder), significando literalmente o governo dos melhores. Segundo Aristóteles, é um governo confiado às mãos dos melhores cidadãos, sem distinção de riqueza ou nascimento. Segundo Platão, encerra a situação de* aristoi *uma condição moral, sábia e virtuosa acima dos demais, sendo o governo dos sábios. Atualmente, só resiste à idéia de aristocrata aquele nome ligado à nobreza (na Europa, indiferentemente se em uma nação vigore uma República ou não) ou aquele nome pertencente à elite financeira de um país. Os filósofos da Grécia clássica ainda classificam como deturpações da aristocracia a oligarquia e a plutocracia.***

Vamos imaginar um passado mais distante ainda, em que a cultura erudita era oferecida somente aos filhos da **aristocracia** e aos poucos que conseguiam se aproximar das elites. A cultura popular, ao contrário, era transmitida e consumida pela grande maioria da população: os servos, os camponeses, os escravos, os trabalhadores braçais. Ao lado da medicina clássica existia a medicina popular. Ao lado do teatro erudito, o teatro popular, os contadores de histórias. O mesmo fato podemos dizer, em relação à literatura, da existência dos livros impressos, como manifestações literárias das elites, e dos livretos de cordel, que constituíam uma literatura do povo.

Hoje, a maioria da população vive nos centros urbanos. Por isso, os setores sociais da cultura popular aproximam-se geograficamente dos setores da cultura erudita. São as diferentes classes sociais vivendo relativamente no mesmo espaço e usufruindo da cultura de massa. Ela funciona como uma ponte entre a cultura erudita e a cultura popular, mas nem sempre é uma ponte benéfica, porque na verdade ela ignora totalmente as diferenças entre os produtores dessas duas culturas e se direciona para um público abstrato e homogêneo, isto é, para toda a população do país, indistintamente.

A maioria das novelas de televisão tem cenários e personagens de cidade grande, especialmente do Rio e São Paulo, com realidades muito diferentes do que ocorre nas povoações e nos centros urbanos do interior do país.



A indústria cultural não só fabrica e vende produtos concretos, mas vende também uma ideologia, vende visões de mundo, vende idéias, desejos.

Outro aspecto que devemos refletir é sobre o desenvolvimento tecnológico na cultura. Antigamente, uma obra de arte era conhecida apenas por uma pequena parcela da população. Com o desenvolvimento da tecnologia, tornou-se possível reproduzir obras de arte em escala industrial.

Hoje quando falamos em *Monalisa*, todo mundo já consegue imaginar a pintura famosa de **Leonardo da Vinci**, cujo original se encontra em Paris, no famoso Museu do Louvre. Acontece que hoje é possível reproduzir a imagem de qualquer obra de arte em grande escala, e elas estão em livros, na internet, na televisão, nos jornais.

A indústria do disco promoveu a massificação das obras de Beethoven, Chopin, Wagner, Mozart, Strauss ou Schubert e muitos outros compositores considerados eruditos. A indústria editorial promoveu a produção em massa de Dante, Shakespeare, Voltaire, Dumas, Eça de Queiroz, Machado de Assis, Jorge Amado e tantos outros escritores. Hoje é possível reproduzir em milhares de exemplares os quadros de Dali, Picasso, Da Vinci, Monet, Casanova, Renoir e outros. Mais dinâmicos ainda, a televisão, o cinema e a internet diariamente estão divulgando notáveis obras de arte e cultura, antes inacessíveis ao grande público.

O que você pensa de tudo isso? A cultura de massa é benéfica ou é prejudicial? Por quê?

Qual seria a diferença entre a cultura "erudita", a cultura "popular" e a cultura "de massa"? Anote os resultados em seu memorial.

O Brasil é hoje um país extremamente audiovisual, porém grande parte da população não tem acesso à educação. No entanto, o rádio e a televisão atingem todo o território nacional, transformando-se, para o povo, nos grandes veículos de divulgação da cultura. Enquanto isso, jornais, livros, cinema, museu e teatro são de acesso restrito a uma pequena parcela da população.

2

Breve histórico da cultura no Brasil

Depois de tudo isso que você leu, já deve ter entendido que a cultura do Brasil, bem como a sua própria história, não começou com a chegada dos portugueses. Aliás, a história já nos indicou que há mais de quinhentos anos estas terras tropicais surpreenderam os conquistadores europeus. E não surpreenderam apenas pela exuberância da Mata Atlântica que cobria grandes extensões da costa, mas também pela nudez, pelos costumes e rituais dos indígenas, cuja cultura indicava uma intensa relação com a natureza e que os europeus já haviam perdido. É bem provável que os colonizadores não tenham tido tal compreensão pelo fato da imposição da civilização e pelos interesses do capitalismo mercantil, que trouxe o extermínio e a escravização de muitos índios, além da destruição de nossas florestas.

Como temos tão poucas fontes escritas sobre essa época, antes do **"descobrimento do Brasil"**, entre aspas, é claro, podemos dizer apenas que os estudos e as pesquisas nesta área têm crescido muito, principalmente por meio de fontes arqueológicas, constituídas de restos de construções, artefatos, utensílios e fósseis humanos. Há também o estudo das línguas faladas e as tradições orais e culturais dos povos indígenas, muitas delas mantidas até hoje, sendo fontes igualmente importantes.

Você considera que o descobrimento do Brasil ocorreu realmente quando os portugueses chegaram aqui?

Quando os europeus chegaram ao litoral brasileiro, encontraram nativos com uma agricultura diversificada, com o cultivo de mandioca, milho, feijão, abóbora, batata-doce, amendoim etc.

Não conheciam animais como o cavalo, o porco e a vaca. O consumo de proteína animal vinha da pesca e da caça. Tinham definidas suas regras sociais e políticas, como as estabelecidas para os casamentos, as celebrações religiosas, as alianças, as guerras e as migrações.

Com o tempo, algumas coisas foram mudando. A história mostra-nos o quanto estes primeiros habitantes sofreram. Aldeias inteiras destruídas, um povo massacrado e escravizado. Tinham duas escolhas: submeter-se ou resistir. Significava aderir a uma nova sociedade, inteiramente diferente da sua, ou opor-se a ela. Preservar suas tradições, crenças e ritos seculares ou submeter-se aos costumes, aos valores e às doutrinas do mundo cristão, apresentado como único e verdadeiro.

Certos grupos conseguiram enxergar uma terceira opção: fugir para regiões cada vez mais distantes dos núcleos formados pelos colonizadores. Mas não bastavam os índios como mão-de-obra; na segunda metade do século XVI, os africanos começaram a ser trazidos em número expressivo para o Brasil. Esses povos, por sua vez, trouxeram uma cultura rica e diversificada.

Daí em diante, tivemos as interferências francesas, holandesas, espanholas etc.

Com o crescimento da população, originária de países e raças diversas, as culturas mesclaram-se e enriqueceram-se. Passados mais de dois séculos da conquista, no Brasil colônia, a vida cultural dispunha de uma curiosa combinação de estilos e influências artísticas, literárias e religiosas. Teve sua plena expressão no estilo ornamental, suntuoso e rebuscado da arquitetura barroca.

Aliás, o **Barroco** predominou do século XVIII até o início século XIX. Numa época em que a leitura era restrita praticamente ao clero; a palavra evangelizadora e as mensagens visuais constituíam os principais meios de difusão cultural. Ao mesmo tempo, anjos, santos e demônios da crença católica misturavam-se nas aldeias e nos terreiros às divindades, espíritos bons e maus e hierarquias de orixás, guias e caboclos das culturas indígenas.

IMPORTANTE

Veja mais sobre literatura brasileira no* site*: http://educaterra.terra.com.br/literatura/index.htm

No século XVII, tivemos o **Arcadismo** em contraposição ao **Barroco**, no qual sobressaía uma tendência mais simples, racional e clara, expressando as críticas iluministas ao clero, à nobreza e ao sistema colonial.

A transferência da corte para o Brasil e a posterior independência do país trouxeram uma nova tendência cultural. Fundou-se a Imprensa Régia que deu impulso à produção e à distribuição de livros e jornais.

Para aproximar a Europa cultural e secular do jovem país exótico e sem desenvolvimento, que era o Brasil, dom João VI preocupa-se com a formação de uma elite cultural e artística em nosso país, que, na época, tinha o Rio de Janeiro como a capital do Império português. Com isso, em 1816, chega ao Brasil a Missão Artística Francesa, que deu novos rumos à arte brasileira. Integravam a Missão, que veio de Paris, os pintores Jean-Baptiste Debret, Nicolas Taunay; os arquitetos Augusto Montgny, Charles Lavasseur e Louis Uelers, e muitos artistas plásticos, como escultores, um gravador de medalhas, além de serralheiros, carpinteiros e ferreiros. No início, houve reação luso-brasileira em relação aos franceses. Brasileiros e portugueses preferiam a arte barroca, enquanto os franceses eram neoclássicos. Mas isso é outra história que você terá interesse em conhecer melhor, porque vale a pena. Aliás, Fernando Pessoa, grande poeta da língua portuguesa, disse que "tudo vale a pena, se a alma não é pequena".

No século XIX, também ficou marcada a preocupação com a necessidade de moldar uma nação com pressupostos considerados pela elite dominante. Escritores, dramaturgos, pintores e intelectuais transformaram a realidade brasileira em objeto primordial de suas obras. Na literatura, marcou o **Romantismo**. Muitos escritores também eram políticos e tinham como objetivo elaborar uma identidade nacional.

Entre os escritores desse período, José de Alencar é o exemplo mais expressivo de político: foi deputado, senador da República, ministro da Justiça. Sua obra tem um evidente caráter de formação da identidade nacional.

Machado de Assis, por sua vez, foi um escritor mais universal, introspectivo. A literatura machadiana é, também, um retrato histórico e psicológico do antigo Rio de Janeiro e de sua sociedade, sem uma preocupação mais ampla com o Brasil como um todo. Como fundador da Academia Brasileira de Letras e seu primeiro presidente, Machado pode ser considerado um político da cultura e das letras.

O romancista José de Alencar e o poeta Gonçalves Dias foram os primeiros a usar o folclore na literatura. Alberto Nepomuceno e Alexandre Levy foram os pioneiros na música, e os brasileiros Amadeu Amaral, João Ribeiro e Afrânio Peixoto, os primeiros a reclamar, a dar sugestões e a insistir para serem criadas entidades e programas culturais no Brasil.

Mas foi o presidente Humberto Castelo Branco, já nos anos 1960, que oficializou o Dia do Folclore, por meio do Decreto nº 56.747/1965. Esse Decreto Presidencial determina:

> Artigo 1º: Será celebrado anualmente, a 22 de agosto, em todo o território nacional, o DIA DO FOLCLORE. Artigo 2º – A campanha de Defesa do Folclore Brasileiro do Ministério da Educação e Cultura e a Comissão Nacional do Folclore, do Instituto de Educação, Ciências e Cultura e respectivas entidades estaduais deverão comemorar o Dia do Folclore e associarem-se a promoções de iniciativa oficial ou privada, estimulando ainda, nos estabelecimentos de curso primário, médio e superior, as celebrações que realcem a importância do folclore na formação cultural do País.

No começo do século XX, foi destaque, no Brasil, o início da produção industrial e a vinda de grande número de imigrantes de países diversos. Como conseqüência, o país assistiu a um expressivo crescimento econômico e a grandes transformações sociais, resultantes do convívio com diferentes culturas. Este período marca o **Modernismo**.

Com a participação de escritores, artistas plásticos, arquitetos e músicos, realizou-se no Teatro Municipal de São Paulo, no período de 11 a 18 de fevereiro de 1922, a Semana de Arte Moderna, que visava renovar o ambiente cultural e artístico brasileiro.

O objetivo era a produção de uma arte brasileira afinada com os movimentos de vanguarda que aconteciam na Europa, preservando, no entanto, nosso caráter nacional, sem complexos de inferioridade em relação à arte produzida em outros países mais desenvolvidos.

O marco inicial do modernismo no Brasil foi a **Semana de Arte Moderna de 22**, realizada no Centenário da Independência do Brasil, numa iniciativa de artistas e intelectuais do Rio de Janeiro e de São Paulo, tendo à frente o escritor Graça Aranha que, na abertura do evento, pronunciou a conferência "A emoção estética na Arte Moderna", recebida sob aplausos e vaias. Os escritores Mário de Andrade e Oswald de Andrade foram os que mais expressivamente representaram o espírito de mudança da Semana de Arte Moderna.

IMPORTANTE

A* Semana de Arte Moderna *foi um evento ocorrido em São Paulo no ano de 1922, no período entre 11 e 18 de fevereiro, no Teatro Municipal da cidade. Durante os sete dias, ocorreu uma exposição modernista no Teatro e nas noites dos dias 13, 15 e 17 de fevereiro ocorreram apresentações de poesia, música e palestras sobre a modernidade.
A Semana representou uma verdadeira renovação da linguagem, na busca de experimentação, na liberdade criadora e na ruptura com o passado.
O evento marcou época ao apresentar novas idéias e conceitos artísticos.
A nova poesia por meio da declamação. A nova música por meio de concertos. A nova arte plástica exibida em telas, esculturas e maquetes de arquitetura. O adjetivo "novo", marcando todas essas manifestações, propunha algo a ser recebido com curiosidade ou interesse.
Participaram da Semana nomes consagrados do Modernismo brasileiro, como Mário e Oswald de Andrade, Victor Brecheret, Anita Malfatti, Menotti del Pichia, entre outros.

Manuel Bandeira, mesmo sem comparecer ao Teatro Municipal de São Paulo, provocou vaias e aplausos, com a leitura de seu poema "Os sapos", que faz uma sátira ao Parnasianismo, que era um movimento literário de prestígio na época.

O Modernismo surgiu, portanto, como um movimento de contestação aos valores artísticos em voga no Brasil. Destacaram-se, também, na Semana de Arte Moderna, diversos artistas plásticos: Anita Malfatti, Zina Aita, Di Cavalcanti, Victor Brecheret, além dos escultores Hildegardo Velloso e Wilhelm Haagvard e dos arquitetos Antonio Garcia Moya e Georg Przyrembel. Entre os escritores destacaram-se, também, Menotti del Pichia, Ronald de Carvalho e Guilherme de Almeida. Os compositores Villa-Lobos, Guiomar Novais e Ernani Braga foram muito importantes no movimento modernista.

Cidade cosmopolita é aquela que apresenta aspectos comuns a vários países, e isso é muito evidente no setor cultural. Manaus, São Paulo e Rio de Janeiro são exemplos de cidades cosmopolitas.

Você pôde observar que muitos artistas que participaram da Semana de Arte Moderna têm sobrenomes estrangeiros, isso se dá porque São Paulo já era uma **cidade cosmopolita**, que acolheu imigrantes de várias partes do mundo.

Nesta viagem pelo Brasil, pode acontecer da gente deixar de registrar algum aspecto importante da cultura em sua região. Não fique aborrecido com isso. Reúna alguns amigos e relate o que está faltando.

2 O Brasil hoje: desafios da diversidade cultural

O folclore brasileiro é um dos mais ricos do mundo. São danças, festas, lendas, superstições, trajes típicos, comidas, comemorações e representações que, na grandeza deste país, formam um variado e colorido painel de culturas.

Vamos agora viajar pelo Brasil. Nosso roteiro lembra o Cruzeiro do Sul, a bela constelação que brilha no céu brasileiro. Isso porque iremos a todas as Regiões do nosso imenso país: Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste.

3 Região Norte

A Região Norte é a mais extensa de todas as Regiões brasileiras e está distribuída em sete Estados: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins, criado em 1988, formado com o território do extremo norte do Estado de Goiás.

IMPORTANTE

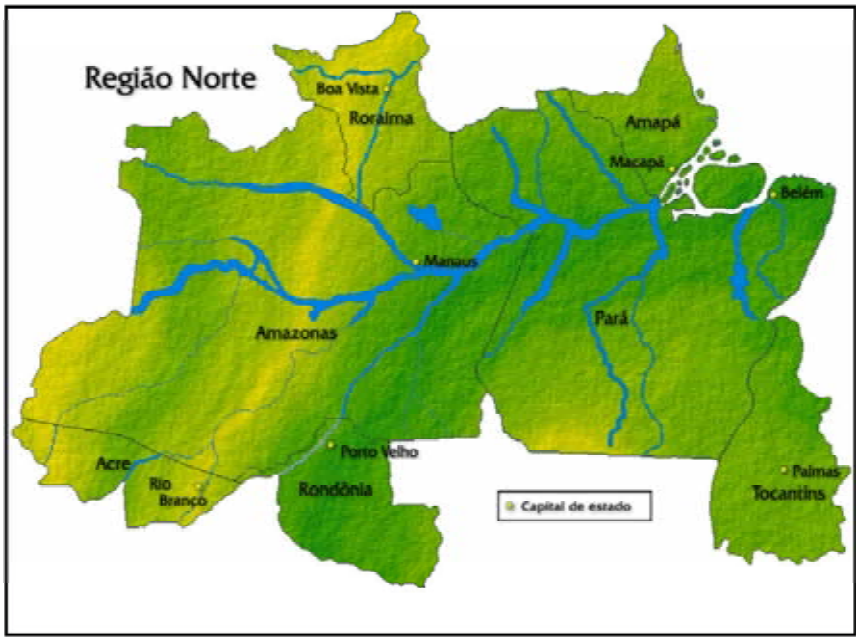


Figura 1: Mapa e capitais
Fonte: www.redebrasileira.com/mapas/regioes/

Veja como surgiu o nome do Amazonas. O espanhol Francisco de Orellana, primeiro explorador da Região, vinha do Peru, descendo o grande rio, quando imaginou ter visto uma tribo de mulheres guerreiras. Como existe a lenda grega das Amazonas, lutadoras da Capadócia, que amputavam um dos seios para manejar suas armas, este ficou sendo o nome do grande Estado brasileiro. A palavra Amazonas vem do latim* amazona *e significa mulher guerreira e valente.

A floresta é a imagem dominante, com uma enorme variedade de espécies vegetais, predominando o ambiente úmido. É um verdadeiro país das águas e do verde. O clima é equatorial, com muito calor, chuvas abundantes e alto grau de umidade. Do alto, a floresta parece muito igual. No entanto, sua enorme cobertura vegetal é muito rica e variada. Naquele mundo das águas e das árvores, destacam-se as matas de igapó, que ficam juntas aos rios e permanecem inundadas o tempo todo. Ali podemos encontrar o açaí, o cururu, a piaçava, a saputirada-mata e a vitória-régia, uma flor aquática de grande beleza. Já nas regiões de várzea, que sofrem inundações periódicas, florescem a samaúma, a seringueira, o cacaueiro e a copaíba.

Quando chegamos a locais mais elevados – de mata de terra firme ou caatê, acima das inundações –, encontramos grandes árvores que são alvo da indústria extrativista madeireira: é o território do angelim, da andiroba, do caucho, do cedro, do guaraná, do mogno, da castanheira e de outras espécies.

Se a floresta é a imagem dominante, o Rio Amazonas é o símbolo. É na magnitude do Amazonas e de seus afluentes que corre a própria vida da região e da sua cultura. Para você ter idéia da riqueza da Amazônia, calcula-se estar ali pelo menos 20% do total de espécies vivas do mundo.

Mas com tantos mistérios sobre as matas e os rios, a mitologia amazônica não podia ser diferente. De geração em geração, no imaginário popular permanecem vivos os mitos e as crenças, iniciados pelos índios e continuados ao longo dos tempos. Ao entrar no meio da floresta, muitos se esforçam até hoje para ouvir o canto mágico do Uiapuru, que já foi inspiração de muitos poemas, versos e canções.

Também, até hoje, muitos esperam encontrar o todo-poderoso senhor das florestas, Jurupari. Ou, então, ouvir os passos cadenciados do Anhangá, protetor das árvores e dos bichos. E as gargalhadas do Mapinguari ecoando nos igapós? Já pensou, dar de cara com o Caapora e o Caipora, protetores das matas e dos animais? Agora bom mesmo seria ganhar dos caboclos um dos amuletos como o Muiraquitã, pedra verde, retirada da misteriosa lagoa onde banhavam as legendárias *amazonas*, lugar muito secreto que poucos conhecem e são impedidos de revelar sob o risco de cair na maldição das pedras verdes. Estas também podem ser chamadas de tuixau-itá e de nanaci. Elas proporcionam felicidade total, principalmente no amor. Mas se você quer sorte no amor pode também conseguir uma pena de uiapuru. Mas, com esta finalidade, é muito difícil encontrar o uiapuru, porque quando alguém se aproxima os outros pássaros imediatamente o avisam.

Além dos mitos, a Região Norte é das que mais apresentam crendices bem vivas no meio do povo. Não há, por exemplo, quem não tema o canto triste do acauã, que pode significar a morte e se apoderam do espírito das mulheres, fazendo-as cantar sem parar, como se fossem a própria ave. Outro canto triste é o do jurutari, nome que se dá na Região ao urutau, um pássaro que só canta à noite. Lá ainda existe o saci da Amazônia, que não tem nada a ver com o negrinho de uma perna só tão conhecido Brasil afora. Este saci é um pássaro conhecido também como matintapereira. Seu canto dá medo e, para afugentá-lo, o jeito é colocar pedaços de fumo pelo terreiro. Quando os meninos não querem dormir, é só chamar o acutipuru, que ele dá um jeito. Quando muitos rapazes desaparecem, todos sabem que a uiara é quem os leva para o fundo dos lagos.

Sua tarefa, agora, é pesquisar os mitos e as crendices da Amazônia. Comece pelas mais conhecidas e vá entrando nos mistérios de cada uma.

IMPORTANTE

PRATIQUE

Outras lendas fazem parte do folclore da Amazônia. Vamos fazer uma pesquisa a respeito? Então anote em seu memorial:

- ***Como nasceu o Amazonas?***
- ***Como nasceu a vitória-régia?***
- ***Como nasceu o guaraná?***
- ***O segredo do uirapuru?***
- ***A origem da mandioca?***

Foi no berço dos igarapés, igapós e ao longo dos rios que muitas lendas foram surgindo... De lá ficou conhecida a biúna, uma cobra grande, que ao silvar dentro das águas, faz tremer os ribeirinhos. O melhor é fazer uma oferenda, caso seja preciso ficar nas águas por muito tempo. Bem faceiro e sedutor é o cobra-norato que costuma sair das águas e se transformar num belo moço, por quem as donzelas se apaixonam. Já o curupira surge mesmo é nas matas. Ele é um pequeno tapuio, de olhos verdes e pés voltados pra trás. É um protetor das florestas.

Como herança de sabedoria dos índios, a Região Norte recebeu a pajelança. O pajé amazônico é um curandeiro, muito sábio, meio adivinho e meio bruxo, uma espécie de médico e sacerdote. Desde menino, os pajés sabem os segredos da flora amazônica e fazem os remédios para todos os males, enriquecendo-os com a espiritualidade das religiões índia, branca e negra.

ATENÇÃO

- ***Os primeiros habitantes da Região foram os índios, que até hoje exercem grande influência nessa cultura.***
- ***Foi com a descoberta do uso, como borracha, do látex extraído da seringueira, árvore muito comum na Amazônia, que surgiu o seringueiro, por muito tempo a figura mais característica da Região Norte. Com seu chapéu***

de palha, faca, balde, tigelinhas, bacia, boião, forma ou tariboca, o seringueiro vai adentrando as matas. Preparado para ficar muitos dias na floresta, ele alcança lugares bem afastados de sua moradia.

Mas quais são as características desse povo?

Há dois tipos de vaqueiros na Região Norte, os vaqueiros e os peões dos campos do Rio Branco, em Roraima, e os vaqueiros da Ilha do Marajó. A pecuária não é o forte dessa Região, mas cria-se gado e, por conseqüência, alguns tipos bem característicos apresentam-se com seus chapéus de palha com ramos secos entre a copa e o forro, para diminuir o calor sobre a cabeça.

Outra figura típica dessa região é o castanheiro, apanhador de castanhas-do-pará, uma grande riqueza regional. Como as castanheiras são altas e nem sempre é possível subir pelo seu tronco, a tarefa do castanheiro exige muita paciência... É preciso esperar as frutas caírem.

Ainda encontramos por lá o *regatão*, verdadeiro mascate e caixeiro viajante, elemento de integração social nas beiradas dos rios, em processo de desaparecimento, por causa do crescimento da consciência ecológica. Podemos citar alguns tipos de regatões: o arpoador de jacaré, o caçador de pirarucu e os viradores de tartarugas.

Mais tarde, surgiram os garimpeiros, que fizeram da Serra Pelada o maior garimpo a céu aberto do mundo. Outros tipos característicos são cultivadores de pimenta-do-reino e, principalmente, os índios que são os primitivos habitantes da Região.

Procure saber como é o processo de extração do látex da seringueira e como ele se transforma em borracha. Não se esqueça de registrar em seu memorial!

Chegou a hora de entrarmos na cozinha

Começaremos pelo tacacá, comida em cuias; o tucupi; o piqui ou piquiá; a pupunha; o cará; o munguzá; o mingau de

banana; a maniçoba; o arube e o ariá. Mas de onde vem tanta inspiração? Ora, a culinária da Região Norte é considerada a mais brasileira, pois conservou a ligação direta com sua terra e com seus primeiros habitantes: os índios.

Como herdeira da tradição indígena, são comuns os peixes, a caça, as plantas e as folhas de todos os tipos, tendo por base a mandioca, alimento fundamental do caboclo. Pratos diferentes vão aparecendo, como a içá, uma formiga tanajura muito apreciada como tira-gosto. A tudo isto se junta os doces de licores de açaí, bacaba, bacuri, ingá, camapu, jambo, castanha-do-pará e o murici.

Mas teve também a influência dos imigrantes nordestinos que chegaram no ciclo da borracha trazendo pratos como o bode assado, a buchada de bode, o sarrabulho e o pirão de caranguejo.

IMPORTANTE

Pesquise as receitas dos pratos típicos do Norte: pato ao tucupi, molho ao tucupi, bode assado, sarapatel de porco, borrachos, tacacá e buchada de bode.

A medicina popular é rica pela biodiversidade das suas matas e campos. Verdadeiro banco genético, as plantas amazônicas são consideradas a grande farmácia do mundo. Os índios sempre souberam dos mistérios destas folhas, raízes e frutos miraculosos e, aos poucos, foram transmitindo toda a cultura para os novos habitantes. Assim, podemos ver curandeiros e raizeiros, usando igualmente as mesmas plantas usadas pelos pajés nos misteriosos rituais da pajelança.

Na Amazônia, encontramos "banho-de-cheiro" para todas as necessidades. Eles são comuns em mercados e lojas. São colocados em garrafinhas já preparadas que podem conter vários ingredientes: ervas cheirosas como a oriza, a pataqueira, a malva-rosa; ou os cipós excitantes como o corembó, o iuira e o catinga; ou ainda as raízes fortes como a de urutaciu, priprioca, patchuli, marapuama e mão-de-onça, além das cascas perfumadas (a de cedro e macaca poranga).

De acordo com a crendice popular, estes banhos têm poderes mágicos. Podem ser usados, por exemplo, para conquistar a pessoa amada ou para se defender da mordida de cobra e afastar o azar, entre outras crendices.

Passamos então para as danças regionais. Você já ouviu falar do Boi-Bumbá de Parintins? Na Festa dos Pássaros? São festas reconhecidas em todo o Brasil pela beleza e pela riqueza cultural.

Vamos pesquisar e registrar no memorial um pouco mais sobre essas danças?

As danças da Amazônia simbolizam muito bem a história e a evolução dos povos e das culturas que por lá passaram. Mas também é possível assistir às danças autenticamente indígenas, como a do kohai, a da xixa, a da panuateran, a de kahêtuagê, a de porassetapoui, e tantas outras. Mas ainda não acabou. Você pode pesquisar a origem das danças, como o carimbó, a jacundá, o lundu e o ciriri.

Continuando a festa, a música está presente no contexto indígena, mas com um detalhe importante: seu apelo mágico e seu sentimento religioso. Podemos citar, como exemplo, os folguedos mostrados no tradicional Festival Anual de Folclore do Amazonas, em que os grupos são chamados de tribos e representam coreografia e cantigas de tribos indígenas reais, como maués, dos yurupixunas, dos nanaús, dos kamayurás e outros.

Essa riqueza é percebida nas tribos quando se ouve o canto com sentido místico do som extraído de uma grande flauta de taquara sagrada. Os cantos servem para festejar, para afugentar os maus espíritos ou para homenagear os espíritos das matas e das florestas.

Além da cultura festiva indígena, o nortista também cultua os ritmos expressivos nordestinos que não deixam ninguém ficar parado. Um desses é o cordão-de-bichos, um folguedo junino em que cada grupo recebe o nome de um animal que vai ser caçado e morto para depois ressuscitar com uma série de danças.

Consagrados na cultura nortista estão o caprichoso e o garantido, os famosos bois-bumbás de Parintins. Outras festas populares muito interessantes são realizadas na Amazônia, destacando-se a Procissão do Senhor dos Passos, em Manacá; o da Festa de São Tiago, em Mazagão; a Marujada, em homenagem a São Benedito; o Círio de Nazaré, em Belém; o Carimbó; o Círio Fluvial de Santo Antônio; a Dança das Pastorinhas, em Soure, no Pará e, assim, com influências indígenas,

nordestinas e portuguesas, a Região Norte vai mostrando sua cultura popular.

Nessa Região, o artesanato é muito enriquecido pelas cerâmicas marajoara e tapajônica e pela arte plumária, com suas obras-primas feitas de belas penas de aves. Destacam-se, também, as máscaras de finalidade religiosa, as rendas de bilro e os bordados de crivo e labirinto, confeccionados com linhas de algodão, seda e fios de palmeira de tucum.

IMPORTANTE

Como você notou, a influência indígena está muito presente na culinária, na medicina, na linguagem, nas festas, na música e em outros setores da vida regional dos nortistas.

4 Região Nordeste

Famosa pelo seu litoral com belíssimas praias, a Região Nordeste é representada por nove Estados: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Figura 2: Mapa e capitais
Fonte: www.redebrasileira.com/mapas/regioes/

É uma Região cheia de contrastes, em relação ao quadro físico, à vida humana e às atividades econômicas. Veremos então uma região plural na cultura e na própria geologia regional, com largas extensões de terras baixas junto ao litoral e às terras altas no interior.

O litoral, na maior parte, é formado por praias. Podemos encontrar dunas de areia com até 50 metros de altura, como em Genipabu, no Rio Grande do Norte. Em alguns lugares, sobretudo em Pernambuco e no Maranhão, encontramos os* manguezais*, muito ricos em biodiversidade. Em outros, encontramos as lagunas, como em Alagoas; e, caminhando para o interior, há os chamados* tabuleiros*, com altitudes de 20 a 50 metros, e as* barreiras*, com bordas escarpadas sobre o mar.

Saiba mais sobre o Rio São Francisco no* site*: www.fundaj.gov.br/docs/pe/pe0048.html

A bacia do famoso **Rio São Francisco** exerce, principalmente no Nordeste, uma grande influência cultural e socioeconômica. Outras bacias hidrográficas do Nordeste são, também, importantes e apresentam variações no que se refere aos seus regimes de chuva, com cheias no verão e vazantes no inverno. A seca é marcante na Região Nordeste. Muitos rios perdem completamente suas águas ou transformam-se em pequenas lagoas.

É muito curiosa a mitologia do Nordeste. Lá existe o caipora, às vezes chamado de caapora, que é um personagem que pode ser visto de várias maneiras. Pode ser macho ou fêmea; em alguns lugares é índio; em outros é um caboclo baixo, sempre montado num porco-do-mato. Você já ouviu falar no labatut? Ah, este nasceu de um fato histórico. Contam que um general francês chamado Pedro Labatut agia com tamanha brutalidade que, na Bahia e no Ceará, o povo o transformou num ser monstruoso e aterrorizante. Só para você ter idéia, este personagem é visto permanentemente faminto, pés redondos, cabelos compridos e sem pentear, corpo coberto de pêlos, como o do porco-espinho, dentes saindo pela boca e o mais estranho: um único olho no meio da testa.

Na sua opinião, por que as pessoas criam lendas e mitos? As lendas e os mitos normalmente surgem de fatos verdadeiros ou sempre são totalmente fictícios? Não esqueça de anotar suas opiniões no memorial.

Mito universal muito antigo, o *lobisomem* está muito presente no imaginário popular nordestino. É um ser humano que vira lobo nas noites de quinta para sexta-feira, principalmente se for noite de lua-cheia. Mas fique bem prevenido: se ele aparecer, é só fazer o sinal-da-cruz ou então rezar três ave-marias que ele desaparece.

Já o pé-de-garrafa vive nas matas e nas capoeiras. Tem esse nome porque ele deixa pegadas semelhantes ao fundo de garrafa. De origem africana, temos o quibungo, um meio-homem, meio-animal. O papa-figo é outro tipo de lobisomem que aparece como um negro velho e sujo. Dizem que no arquipélago de Fernando de Noronha, nas noites às vésperas de tempestade, aparece um vulto branco de uma linda mulher: é a alamã. No Rio Parnaíba, outro mito muito conhecido é o cabeça-de-cuia: alto, magro, cabelos caindo pela testa, ele gosta mais de andar pelo rio durante as enchentes e devora as crianças que nadam no rio.

E quanto às lendas da Região Nordeste? Histórias como a do homem pequeno, a do engenho mal-assombrado, a da moura torta, a da madrasta que enterrou a enteada nas raízes de uma figueira, a do corpo santo, a de João Grumete e a dos sinos que tocam sozinhos são algumas das mais contadas naquela região. Mas também muitas lendas indígenas conhecidas na Amazônia são repetidas no Nordeste, como as da origem da mandioca, as do curupira e a do algodão.

Personagem marcante no Nordeste é o beato que nasceu com a seca, a miséria e a forte espiritualidade. De cidade em cidade, experimentando o pó das estradas, o beato surge com roupas, às vezes, compridas e alvas, outras vezes coloridas e esfarrapadas. Ele carrega sempre uma cruz e longos rosários de contas de Nossa Senhora. Na boca, palavras que lembram profecias bíblicas. São famosos os beatos Manoel Antônio, José do Padre, o beato Francelino, Zé da Cruz, Zé Leôncio, o monge João Maria, o beato Lourenço. O mais conhecido é Antônio Conselheiro. Aliás, inspirado na história de Canudos, cidade fundada por Antônio Conselheiro, Euclides da Cunha escreveu o romance *Os sertões*, e o cineasta Glauber Rocha

produziu o filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol.* Ainda inspirado em Canudos e na saga de Antônio Conselheiro, o escritor peruano Vargas Lhosa escreveu o romance *A guerra do fim do mundo*.

Outro personagem místico típico do agreste é o penitente. Ele tem a característica de ir aos cruzeiros ou às portas das igrejas para fazer penitências, que vão desde a autoflagelação ou flagelação mútua, que consiste em usar cordas ou pedaços de ferro com lâminas afiadas nas pontas, com as quais se fere, causando dor e sangue. Em Juazeiro, chegou a existir a Ordem dos Penitentes e, ainda nos tempos atuais, durante a Quaresma, no Vale do São Francisco, acontece a autoflagelação dos penitentes que costumam, de joelhos, fazer a penitência de Monte Santo e outras elevações.

"Dizem que Virgulino ficou conhecido como Lampião porque, depois de um tiroteio, o cano de seu rifle, em brasa, lembrava a luz de um lampião. Vítima de injustiças, Lampião iluminava a mente de muita gente sofredora, que via nele um líder capaz de vencer os poderosos e conquistar um pouco de justiça contra tantos sofrimentos". (Trecho da biografia de José Pedro Barbosa, nordestino que lutou contra Lampião* – Gente de bom despacho*, de Jacinto Guerra, p. 203).

Com certeza você já ouviu falar de Lampião e Maria Bonita. Lampião ou **Virgulino Ferreira da Silva** foi um cangaceiro que criou uma lenda em torno de si. Era um líder nato, guerreiro, cantador de emboladas, exímio dançarino de xaxado, vingativo e incendiário.

Mas o cangaceiro não é somente a imagem de Lampião. Temos outros nomes de cangaceiros menos rudes, como Antônio Silvino, Francisco Xavier de Araújo Chaves, Corisco e Sinhô Pereira. O cangaceiro ocupou todo um ciclo sociocultural no Nordeste. Foi e ainda é personagem de livros, poesias, artes plásticas, literatura de cordel e até do cancioneiro popular.

A jangada e o jangadeiro também são elementos típicos do litoral nordestino. Feita, geralmente, com seis paus de peiuba, madeira forte e leve ao mesmo tempo, a jangada tem vários acessórios: o banco de vela; a carlinga, tabuleta em que prende o pé do mastro; a bolina, tábua que serve para cortar as águas; a vela; a ligeira, uma corda presa ao mastro; a quimanga, cabaço que guarda a comida; a cuia de vela, concha usada para molhar a vela; a tupinambaba, linhas com anzóis; o samburá, cesto para guardar o peixe; o banco de governo, onde se assenta o mestre; entre outros instrumentos.

Mas o jangadeiro conta mesmo é com a proteção de São Pedro, sempre homenageado nas bonitas festas de praia que eles promovem. Poéticos e lendários trabalhadores do mar, os jangadeiros gostam de fazer quadras, versos e canções sobre a vida que levam ao sabor dos ventos e das tempestades.

Outro personagem nordestino é o vaqueiro, que surgiu da civilização do couro, época em que a expansão do gado pelo sertão ocupou um papel fundamental na colonização. Essa civilização teve no vaqueiro seu elemento mais visível. Imagine só o sertanejo que, acostumado com o calor e com as plantas espinhosas, teve de criar um estilo de vida diferente. Começando pela roupa, ou como se diz, a vestia – normalmente feita de couro para não rasgar com os espinhos –, perneiras sobre as calças, alpercatas ou botinas, além de uma proteção para o peito, como se fosse um escudo amarrado ao corpo; luvas nas mãos e um gibão por cima de tudo. Na cabeça, o *chapéu de abas largas*, comum na Bahia; o *redondo*, mais usado no Ceará, no Piauí e no Rio Grande do Norte; e o *chapéu de bico*, tradicional em Pernambuco.

É claro que daí tinha de surgir uma festa: a vaquejada. Nesta festa, o vaqueiro tem de mostrar sua destreza em derrubar o boi em dois ou mais movimentos; montar cavalo xucro; apresentar-se como bom laçador; participar dos jogos de lança e argolinha; entrar em corridas de várias modalidades. Enquanto os vaqueiros lutam na arena, o forró esquenta as ruas e as praças.

No litoral do Nordeste, concentra-se a maior parte dos folguedos. Cada um tem sua história, sua época, sua característica. São reisados e pastoris, os guerreiros alagoanos, o quilombo, o maracatu de Pernambuco, os caboclinhos, o afoxé, na Bahia, além da marajuda, o bumba-meu-boi e outros folguedos e tradições. Algumas festas populares, nem sempre folclóricas em sua essência, vão incorporando certos elementos da cultura popular, especialmente o carnaval em Salvador, Recife e Olinda.

No interior, muitas festas são ligadas à religiosidade popular. São exemplos as festas em homenagem ao Senhor do Bom Jesus da Lapa, na Bahia.

IMPORTANTE

Faça uma pesquisa sobre as vaquejadas, o maracatu, os reisados e o bumba-meu-boi. Você vai descobrir muita riqueza na história de cada festa folclórica nordestina. Registre no memorial.

SAIBA MAIS

A capoeira é uma expressão cultural que mistura esporte, luta, dança, cultura popular, música e brincadeira. Desenvolvida por escravos africanos trazidos ao Brasil e seus descendentes, é caracterizada por movimentos ágeis e complicados, feitos com freqüência junto ao chão ou de cabeça para baixo, tendo por vezes um forte componente ginástico-acrobático. Uma característica que a distingue de outras lutas é o fato de ser acompanhada por música.
A palavra capoeira tem alguns significados, um dos quais se refere às áreas de mata rasteira do interior do Brasil. Foi sugerido que a capoeira obteve o nome a partir dos locais que cercavam as grandes propriedades rurais de base escravocrata.

E como são as danças do Nordeste?

É notável a variedade de danças e ritmos nordestinos. Para começar, vamos falar da **capoeira**, que é uma mistura de dança e luta, de utilidade para o lazer e para a defesa pessoal. A Bahia parece ter sido seu berço e foi introduzida pelos escravos. Exige muita agilidade de seus praticantes, pois ela se desenvolve em torno de passos como as rasteiras. A marcação rítmica é essencial, feita pelo *berimbau*, pelo *ganzá* e pelo *pandeiro* e, em alguns lugares, por caixas de percussão.

Tem também o coco, dança com várias modalidades: o coco-de-ganzá ou coco-de-zambê, se o acompanhamento for feito com esses instrumentos; o coco-da-praia e o coco-de-usina, conforme o local em que cada música nasceu; os cocos-de-décima ou coco-de-oitava, dependendo do formato poético empregado na feitura da letra; e o coco-de-embolada, de acordo com o processo poético-musical.

Embora executado em todo o Nordeste, é em Alagoas que o *sapateado* é mais vivo, com uma grande roda de homens e mulheres, tendo ao centro o solista, que cria vários passos e puxa o refrão, repetido pelos participantes. O coco é uma das mais perfeitas uniões musicais com influências do branco, do índio e do negro.

Os frevos são famosos em Pernambuco, especialmente no Recife. Derivado da capoeira, o frevo arrasta multidões no carnaval.

Na diversidade da cultura popular nordestina, muitos outros ritmos acompanham o povo: o baião, o xaxado, o xote, o babacuê, o cabina, o quilombo, o rojão, o bambelô, o bate-coxa, sendo os instrumentos mais comuns para estes ritmos o agogô, o triângulo, a zabumba e a sanfona.

Quem, neste imenso Brasil, não ouviu falar de Luiz Gonzaga, grande músico nordestino, que se destacou com o baião e o xote nordestino?

Vamos provar a culinária da Região Nordeste?

Como era de se esperar, no Nordeste plural há uma rica e variada culinária. No litoral, deliciamo-nos com os mais variados pratos que têm como principais ingredientes o *coco* e os *frutos-do-mar*. No sertão, pratos que utilizam a farinha-de-pau

(mandioca), a carne-de-sol, bodes e cabritos. E, com forte influência negra, os pratos dedicados aos orixás, o dendê, a pimenta e a refinada arte de preparar os alimentos que, afinal, são comidas-de-santos.

IMPORTANTE

Vejamos os destaques por Estado:

Maranhão: o arroz de cuxá, o sorvete de bacuri, os refrescos e mousses de cupuaçu, os vinhos de buriti e juçara, o licor de jenipapo, o doce de murici e a famosa torta de camarão maranhense.

Rio Grande do Norte: o peixe da comadre, a cabeça de galo, a buchada e a mão-de-vaca.

Alagoas: o feijão de coco, a papa de feijão, o sururu de capote, o bolo de papa de puba, a tapioca e a má-casada.

Bahia: o xinxim de galinha, a maxixada com leite, a maniçoba, a viuvinha-de-carneiro, a baba-de-moça, o sarapatel, o vatapá e o arroz de haussá.

Piauí: o escaldado de tapioca, o chá-de-burro, a carangue-jada, o quibebe-mole, a abobrada, o pintado e o mungunzá.

Ceará: a carne-seca assada com pirão de leite; a paçoca; o refresco de aluá; o pé-de-moleque; o grude e o bolo de carimã.

Pernambuco: a sopa de peixe, a sopa de arroz com farinha, o caldo de cabecinha, o arroz de coco, a sopa de macaxeira, o arroz de caldo, a omelete de arroz, o peixe escabeche, o camarão de coco, o guaiamum frito, a casquinha de lagosta e a farofa do sertão.

Paraíba: o bolo de peixe, o tomate recheado com arroz, o angu de arroz, o camarão de coco, a lagosta cozida, o sururu de capote, a lagosta no espeto e a fritada de caranguejo.

Sergipe: o beju-de-coco, a paçoca de carne-de-sol, o aferventado de carne, a compota de carambola, o tijolinho de banana, o feijão guisado e o abará.

Criatividade é o que não faltou nesta culinária!

Pois bem, vejamos como é a religião do povo nordestino.

Em todas as partes do Nordeste, encontramos os santuários oficiais que atraem romarias e caravanas que visitam seus padroeiros. Vamos citar alguns rituais que misturam crença e festa. Em Bom Jesus da Lapa, na Bahia, cidade que é um dos maiores exemplos de fé cristã no Brasil, reúnem-se milhares de pessoas na Festa do Senhor Bom Jesus.

Em Pedra Bonita, Pernambuco, existe a crença em torno da possível reencarnação do rei português dom Sebastião. A cidade de Canindé, no Ceará, presta veneração a São Francisco das Chagas e atrai cerca de 100 mil romeiros. Em Olinda, Pernambuco, muito popular é a Procissão dos Lírios, em homenagem a Santo Antônio.

No Sítio das Lajes, em Serrita, alto sertão de Pernambuco, vaqueiros, a cavalo – vestidos de couro da cabeça aos pés –, participam da Missa dos Vaqueiros, que tem uma história bem interessante. Naquela missa, em lugar da hóstia feita de farinha de trigo, os fiéis recebem farinha de mandioca, queijo ou rapadura. Em Nova Jerusalém, município de Brejo da Madre de Deus ergue-se o maior anfiteatro ao ar livre do mundo, onde artistas do cinema e da televisão encenam a Paixão de Cristo, ao lado de milhares de figurantes, turistas e devotos do Brasil e do exterior. Em Salvador, são famosas a Festa do Senhor dos Navegantes e a Lavagem do Senhor do Bonfim. A pregação das Santas Missões é uma prática muito comum no Nordeste, quando se celebram batizados, confissões e muitos casamentos são regularizados. Frei Damião, um frade franciscano, foi o missionário mais famoso do Nordeste.

Você já ouviu falar da história do padre Cícero Romão Batista? É claro que sim! Ele é o Padim Ciço, uma figura muito popular em todo o Nordeste. Para o povo ele é um santo, e sua estátua no Juazeiro do Norte é um dos grandes monumentos do Brasil. Em terras do Nordeste, muitas são as manifestações populares de origem africana. Uma das mais conhecidas é o *candomblé*, que tem sua base teológica na existência de um deus chamado Orumilá, Olorum ou Zambiapongo. Para comunicar-se com esse deus, acredita-se na existência do *Exu* e dos *orixás*. Há centenas de orixás, mas no Brasil destacam-se: Oxalá, Iemanjá, Oxun, Ogun, Omulu-Obaluaiê, Nanã Buruque, Xangô, Oxumarê, Ifá e Iansã. Cada orixá tem um toque especial de atabaque, um ritmo, uma coreografia, roupas próprias e até saudações e comidas próprias.

A religiosidade também tem grande influência na medicina popular nordestina. Há uma mistura de plantas e crenças herdadas dos índios, “mezinhas”, rezas fortes, feitiços dos brancos, orações, axés e receitas negras.

Até nas crendices a religiosidade tem sua manifestação. Quando, por exemplo, uma criança é bonita sempre tem alguém para dizer: "benza-deus". E nem pense em ir para o mar sem levar a imagem do Senhor dos Navegantes.

Mas outras crendices também são populares como o canto do acauã, espécie de gavião, que, se estiver em pau verde, é sinal de chuva, mas se for em pau seco, vai ser tempo com sol. Para curar gagueira de menino é só bater em sua cabeça com uma colher de pau por três sextas-feiras seguidas. Nada de apontar o dedo para estrela cadente no céu, porque pode aparecer verruga no dedo. E assim, com muita imaginação, as crendices vão se perpetuando.

Para quem não está acostumado, a linguagem nordestina é muito engraçada.

Quando uma pessoa é valente, ela é *curada*, ou então, "desacismada". Se o homem é solteirão e só gosta de farra, ele é um "damo". Mas se for atrevido e impertinente, é um "lutrido". Enfim, no Nordeste não falta vocabulário para diferentes situações.

Quem precisa ter na cabeça uma infinidade de palavras são os emboladores e os cantadores de cordel que, num desafio, em questão de segundos, precisam responder ao parceiro adversário. E aí vêm os versos sobre os mais diferentes assuntos, desde a beleza da mulher, a coragem dos heróis, o destemor de um boi bravo na caatinga, a honra da família, o temor a Deus, as pendengas dos cachaceiros, as histórias dos fantasmas e mulas-sem-cabeça e até atualidades noticiadas nos meios de comunicação.

A **literatura de cordel** é formada de livretos que, usando tipografia e xilogravuras, tomou conta do Nordeste a partir do final do século XIX. A feira típica nordestina foi o ponto de partida para a expansão do cordel. Quando o movimento toma conta da feira, vem o poeta e esparrama seus livros numa esteira, ou colcha, ou ainda os coloca em mesas e caixotes. O que é muito admirado no cordel é a rapidez em que os versos são feitos.

Mas e o artesanato do Nordeste?

O artesanato é marcado pelas rendas que se transformaram em produto de exportação, tal sua riqueza e sua tradição

IMPORTANTE

INTERNET

Saiba mais sobre essa importante expressão literária no* site*: www.ablc.com.br/

– uma herança de arte e trabalho preservados há duzentos anos. Também é no barro que o Nordeste se destaca. Temos, por exemplo, a cerâmica utilitária baiana, à base de moringas e panelas, além dos pequenos trabalhos em barro: vaqueiro a cavalo, jegues, burrinhos, crianças, cantores e cachaceiros, cangaceiros, santos – e tudo aquilo que faz representar a vida diária nordestina.

Ainda podemos ver as cesteiras de palha de carnaúba do Aracati; as tecelãs de Jaguarana; os escultores de madeira; os ceramistas de Juazeiro do Norte; as louceiras de Viçosa; os escultores de casca de tartaruga, em Canoa Quebrada; os fabricantes de garrafa de areia colorida das praias pernambucanas e cearences.

Enfim, por toda a parte do Nordeste, a cultura popular manifesta-se numa riqueza incalculável.

5 Região Sudeste

A Região Sudeste compreende os Estados de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. É a região com a maior população do país e com a maior densidade demográfica, sendo também a mais desenvolvida economicamente.

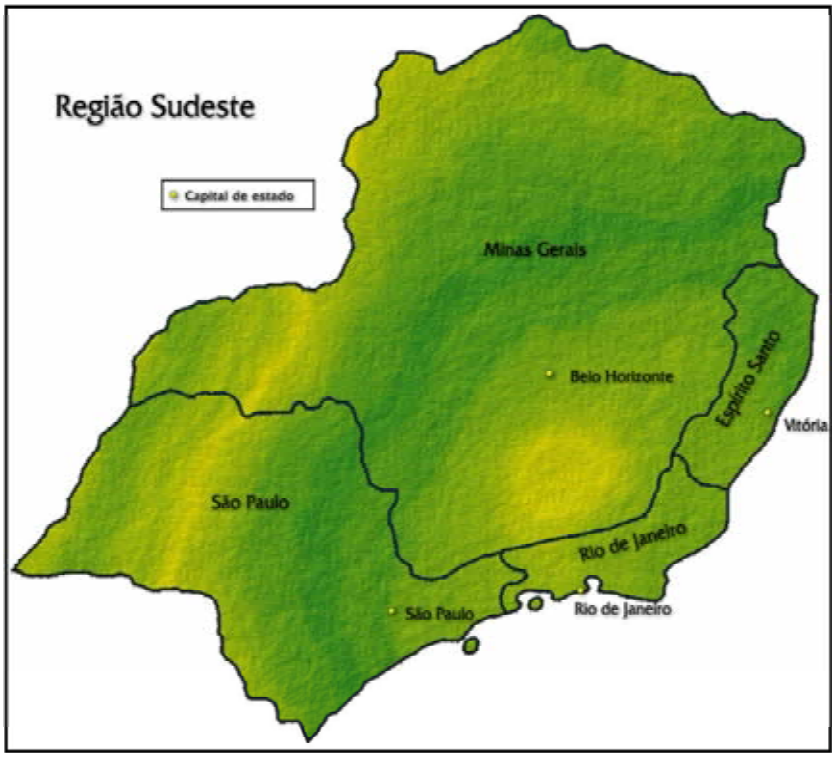


Figura 3: Mapa e capitais
Fonte: www.redebrasileira.com/mapas/regioes/

É uma região de grande diversidade geográfica e geológica, com montanhas acidentadas, planaltos ondulados e tabulares, escarpas, baixadas litorâneas, rios de várias bacias fluviais a correr em todas as direções, florestas tropicais úmidas e um clima tropical variável.

É nesta parte da história, saindo do litoral para o interior, que muitas lendas se formaram. Uma das mais correntes em toda a Região era sobre a existência de uma grande serra resplandecente que brilhava ao sol, formando mil cores. Conta a lenda que lá existia a maior mina de esmeraldas do mundo e muitos bandeirantes saíram em busca deste verde tesouro.

O bandeirante paulista Fernão Dias Paes Leme recebeu do governo a recomendação de encontrar esmeraldas e outras pedras preciosas no interior do Brasil. Acreditava-se na existência da Serra das Esmeraldas, situada no centro da região que hoje é Minas Gerais. Diz uma lenda indígena que na Lagoa de Vupabuçu morava a lara, que atraía os guerreiros para o fundo das águas. Os índios pediram ao deus da guerra que a lara dormisse, mas caberia aos *mapaxós* zelar pelo seu sono. Assim fizeram – e a lara ficou dormindo por longos anos, a ponto de seus cabelos tomarem conta do fundo da lagoa e, no contato com o chão, transformarem em pedras verdes. Os *mapaxós* disseram isso a Fernão Dias e pediram que ele não acordasse a lara. O bandeirante não ouviu o pedido e mandou arrancar as pedras. A lara não acordou, mas caiu sobre o bandeirante uma maldição em forma de febre, era a sezão. O drama de Fernão não terminou com sua morte. Examinadas as pedras que levava, verificou-se que elas não eram esmeraldas, mas turmalinas verdes. No entanto, Fernão Dias imortalizou-se como um pioneiro e descobridor de Minas Gerais, imortalizado com o poema *O caçador de esmeraldas,* de Olavo Bilac – e com seu nome batizando uma das estradas mais importantes do Brasil: a Rodovia Fernão Dias, que liga São Paulo a Belo Horizonte, capital de Minas Gerais.

Pronto! Chegamos então à civilização do ouro. Todos já conhecem a história que foi o ponto de partida para a idealização do grande movimento político do Brasil colônia: a **Inconfidência Mineira.**

Refletindo a explosão do ouro, surgiram as irmandades religiosas e a construção de muitas igrejas e em torno delas um incremento das artes plásticas, da música e da cultura popular.

IMPORTANTE

Foto: Einar Einarsson Kvaran

Foi essa civilização que permitiu o crescimento de uma rica manifestação brasileira: a serenata. E, até hoje, muitas modinhas daquele tempo ainda continuam sendo apresentadas em Minas e também em outras partes do Brasil. E na corrida pelo ouro, algumas figuras lendárias foram surgindo como a **Chica da Silva**, o **Aleijadinho**, o escravo Isidoro e o próprio **Tiradentes**.

Quando as minas de ouro começaram a diminuir sua produção e sua importância, surgiu o ciclo do café. Na cultura, o café inspirou poetas, compositores e criou condições para o surgimento de personalidades populares. O café aparece, também, nos ditados, nas crendices e nos cancioneiros. Surgiram, ainda, lendas inspiradas no café, como é o caso da história do cafezal assombrado.

Outra lenda cultivada em Minas Gerais é a do Chico Rei. É a história de um escravo que se tornou rei e governava seu povo em plena Vila Rica, atual Ouro Preto, Patrimônio Cultural da Humanidade. Para milhares de congadeiros, este é um fato concreto e celebrado durante as grandes festas, lembrando a história em que toda a corte de Chico Rei se dirigia, com trajes ricos e vistosos, em procissão, para assistir a missa cantada na Igreja de Santa Efigênia, no Alto da Cruz. Terminada a solenidade religiosa, todos dirigiam-se para dançar e cantar pelas ruas, como se fazia na África. Para muitos, daí teria nascido o congado como forma de devoção a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia.

A Região Sudeste representa um portal turístico muito significativo para o nosso país com as lindas praias de Angra dos Reis, Cabo Frio, Búzios, a cidade histórica de Parati, a cidade imperial de Petrópolis. É na "cidade maravilhosa", no Estado do Rio de Janeiro, onde acontece o carnaval mais famoso do mundo, com seus desfiles de escolas de samba que encantam os visitantes de toda a parte do planeta. E, ainda, o morro do Corcovado com sua escadaria que leva ao monumento do Cristo Redentor e à visão do Pão de Açúcar. Temos no Estado do Espírito Santo as palmeiras, as dunas de areia com sua beleza natural e proximidade com Minas Gerais cuja paisagem é de montanhas, vales, grutas e um conjunto arquitetônico em estilo barroco do século XVIII. Não podemos deixar de falar na terceira maior cidade do mundo que é São Paulo – um testemunho histórico de prosperidade, sendo a primeira cidade a se formar plenamente no país e o ponto de partida do movimento de expansão brasileira, realizado pelos bandeirantes.

Passando para a cozinha, você já experimentou os pratos virado à paulista, frango com quiabo e polenta, feijão tropeiro, feijoada, moqueca capixaba, pirão, cuscuz paulista?

Minas Gerais tornou-se rica em culinária pelo sabor delicioso e simples das comidas preparadas em panelas de pedra sabão, o que dá um toque do gostinho mineiro. O famoso Triângulo Mineiro, Uberlândia, Uberaba, Araguari e ainda Araxá (terra de Dona Beija), Serra Fluminenses, um verdadeiro roteiro gastronômico. São lingüiças, lombo, costelinhas e torresmo de porco, frango, feijão tropeiro, couve e farofa. Isso sem contar no queijo-de-minas e o famoso pão de queijo servido com café ou café com leite.

Rio de Janeiro com sua famosa feijoada. Já a moqueca capixaba é especialidade de Vitória no Espírito Santo. A cidade de São Paulo também é rica em gastronomia e tem seus pratos típicos como o delicioso virado à paulista. Sua culinária destaca-se pela influência que sofreu dos imigrantes e a adaptação de suas receitas, como a pizza e o pastel, que com certeza não são encontrados com o mesmo paladar em seus países de origem.

O artesanato da Região Sudeste é algo inigualável. Os colonizadores e imigrantes trouxeram muitos hábitos que foram transformados em arte. É nas cidades mineiras que muitas mãos tecem, bordam, pintam, entalham ou modelam. O barro é uma matéria-prima forte nesta região, cujos produtos são exportados para grandes centros urbanos.

E não é que a diversidade cultural na culinária da Região Sudeste tem um papel relevante por causa da influência dos imigrantes portugueses, italianos, espanhóis, árabes, alemães, orientais, entre outros?

Pilão em madeira
Artesanato – MG

Mandala esculpida em mogno pelo mineiro Mário Teles

Boneca de retalhos (Abayomi)
Artesanato – RJ

As maravilhosas bonecas Abayomi são encontradas no Rio de Janeiro, cuja técnica consiste no uso de retalhos de tecidos onde são aplicados nós para dar forma a sua silhueta em forma de personagens da mitologia, do folclore e do momento atual.

A arte capixaba tem grande valor comercial e cultural, destacando-se as panelas de barro preto feito à base de argila sendo moldada manualmente, passando depois por um processo de secagem e tingimento. Antes de cozer os alimentos pela primeira vez, é necessário o procedimento de curar a panela untando-a, por dentro e por fora, com óleo de cozinha e levando-a ao fogo até o óleo secar. Depois, é só deixar esfriar, lavar e usar. Já o artesanto de São Paulo tem influência dos espanhóis, dos italianos, dos alemães, dos japoneses e outros tantos que lá se aportaram fazendo brotar cerâmicas, rendas, bordados e comidas típicas de seus países de origem. O berço de ceramistas famosos situa-se no Vale do Ribeira, mais especificamente em Apiaí onde encontramos os santeiros, como José Aparecido Machado de Lima.

Panela de barro preto
Artesanato – Espírito Santo

A diversidade cultural encontrada na Região Sudeste é algo que nos enche de orgulho não só pela originalidade e beleza, mas pela riqueza que faz com que cada Estado brasileiro tenha uma identidade própria, item de grande valor e agregação de saberes.

6 Região Sul

A Região Sul, territorialmente, é a menor região do país, com apenas três Estados: Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná.

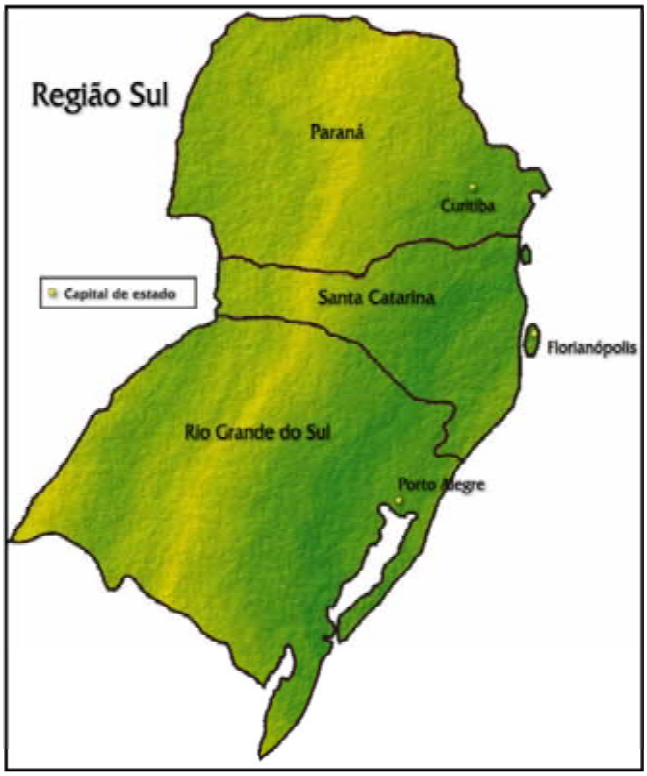


FIGURA 4: MAPA E CAPITAIS
Fonte: http://www.redebrasileira.com/mapas/regioes/

IMPORTANTE

Três bacias fluviais dominam esta Região: a do Paraná, a do Paraguai e a do Uruguai. Os grandes atrativos turísticos são as Cataratas do Iguaçu e o local conhecido como Tríplice Fronteira, por estar na divisa de três países: Brasil, Argentina e Paraguai.

O Sul é uma Região em que a diversidade étnico-cultural do seu povo mais sobressai em razão da própria história de colonização e povoamento. Foram os alemães os primeiros a chegar. Depois os italianos e depois os colonos de terras do Império russo, como poloneses e ucranianos. Todos chegaram trazendo também, em sua bagagem, seus costumes e suas tradições, que deram, e até hoje dão, um colorido ao folclore do Sul.

Estes colonos foram introduzindo, também, novas formas de aproveitamento econômico do espaço físico, como a pequena propriedade, a policultura, associação agricultura–pecuária, e a integração família–terra, com reflexos diretos no sistema de produção, tornando a Região um dos esteios agrícolas do país.

Mais tarde vieram os japoneses e os holandeses, que buscaram, basicamente, o Paraná para se estabelecerem.

Mas é certo que esta Região foi palco de grandes batalhas tornando sua mitologia diferente das outras regiões. No Sul, os personagens foram de carne e osso, confundindo a história real com lendas e mitos. Dois momentos históricos que comprovam isto foram a Guerra dos Farrapos e a Revolução Federalista. São personagens importantes: Bento Gonçalves, Antônio de Sousa Neto, David Canabarro, o general Osório, Saldanha da Gama, Flores da Cunha, Pinheiro Machado, Júlio Castilhos, a catarinense Anita Garibaldi, Gumercindo Saraiva, Getúlio Dorneles Vargas e até os últimos 35 índios da tribo Minuanos que, na Guerra dos Farrapos, integraram o esquadrão de lanceiros do coronel Jacinto Guedes da Luz, lutando até a morte.

Outros personagens da tradição açoriana, ponto inicial da colonização da Ilha de Santa Catarina, são as bruxas e os lobisomens.

Dizem que numa família, onde nasceram somente filhas, a sétima menina deve ser batizada com o nome de Benta para que ela não venha a ser transformada em bruxa. Na porta do quarto das crianças, deve ter pendurado um signo de Salomão e, se possível, ramos bentos no Domingo de Ramos. Agora, em noite de lua-cheia, é bom se prevenir colocando sal grosso nas soleiras das portas, pois são nessas noites que as bruxas costumam aparecer. Há muitas rezas, costumes e muitas simpatias para afastar as bruxas.

E o mau-olhado, o quebranto e a "coisa-feita"? É só alguém ficar abrindo boca de sono o tempo todo, dizem que o quebranto caiu sobre ele. Então é bom procurar um benzedor.

E como ficam as almas que andam pelos campos? É a crendice da existência dos angüeras, ou seja, fantasmas, almas e visões que explicam os estalos nos móveis, os barulhos nos telhados, as vozes que se escutam misteriosamente.

Mas se o cachorro latir em frente da casa do doente, é morte na certa! Varrer a casa à noite, nem pensar, pois traz doenças. Apontar para estrelas dá verruga na ponta do dedo. Quem recebe um pão-de-deus é bom atender para ser abençoado pelo menino Jesus. Mas o que é o pão-de-deus? É um papel, muitas vezes enfeitado ou desenhado, no qual se escreve uma poesia pedindo um presente no Natal.

Numa mistura fantástica, histórias de animais e contos ligados aos índios juntam-se com os contos dos europeus e há alguns de origem negra.

Na lenda dos sete-cuias, um caboclo d'água do mar costuma aparecer aos pescadores fazendo pedidos que, se não atendidos, o caboclo faz com que as canoas afundem. Não se pode banhar na Lagoa de Parobé, no Rio Grande do Sul, pois existe um cavalo encantado que leva os mais valentes para o fundo das águas.

No Sul, quase tudo pode ser explicado por meio das lendas. As cigarras, por exemplo, cantam até morrer, porque uma delas muito foliona, não atendeu ao pedido da mãe doente para que lhe fizesse companhia.

A lenda da noite surgiu com a Lua, quando ela morava na terra e se chamava Capei. Ofendida por um feiticeiro, Capei resolveu fazer uma escada de cipó e madeira e com esta chegou até o céu e por lá ficou.

Sobre o "Negrinho do pastoreio", existe um verdadeiro lendário, tamanha quantidade de histórias espalhadas sobre ele. Uma delas conta que um estancieiro muito rico e mau, tinha um negrinho como escravo. Sem família, o negrinho dizia-se afilhado de Nossa Senhora. Certo dia, um vizinho desafiou o estancieiro dizendo que tinha um cavalo mais rápido do que o baio do negrinho. Quase vencendo a corrida, o cavalo do negrinho assustou-se e o outro cavalo venceu, deixando o estancieiro com muita raiva. O negrinho foi surrado e recebeu uma dura missão: pastorear o rebanho por trinta dias e trinta noites em um lugar mais distante do que o de costume. Durante a noite, porém, os cavalos assustaram-se e fugiram pelo campo afora. O negrinho foi surrado novamente e mandado para o campo em busca dos cavalos. O negrinho lembrou-se de Nossa Senhora e pegando uma vela saiu pelo campo. Por onde ele passava, a cera que pingava da vela se transformava em luz, deixando o campo todo iluminado. Os galos começaram a cantar pensando que era madrugada, e os cavalos voltaram. O filho do seu senhor encarregou-se de espantar novamente os animais, e novamente o negrinho foi surrado até a morte e jogado num formigueiro. Mas qual não foi a surpresa do estancieiro, quando no dia seguinte foi até o formigueiro e encontrou o negrinho, ao lado da Virgem Maria, os dois envolvidos num facho de luz. Perto deles estavam o cavalo baio e o rebanho que logo em seguida saíram para longe. A notícia

correu e muitos passaram a avistar, à noite, pelas estradas, ou no alto dos céus, o escravo cercado de luz a conduzir um rebanho.

Depois de saber uma das histórias do "*Negrinho do pastoreio*", convidamos você para pesquisar e escrever em seu memorial outras lendas da Região Sul. Como sugestão, propomos a lenda da Vila Velha e a de como nasceu a erva-mate.

E quais são os tipos característicos deste povo? Destacamos os carreteiros, os mineiros do carvão, os ervateiros, os apanhadores de pinhão, os vinhateiros e vindimeiros, os plantadores e colhedores de café, os charqueadores e os peões. A estes se ajuntam artesões, doceiros, rendeiras de várias modalidades, que dão um colorido à Região.

Mas o gaúcho que habita os campos do planalto do Rio Grande do Sul é a maior representação desse lugar. Com paixão pelos cavalos e pelos pampas, seu palavreado mistura expressões portuguesas, espanholas e guaranis. Seus mitos e lendas tratam do boitatá, das almas perdidas dos angüeras, das serpentes dos pampas e dos bois arredios das campinas. Trajam bombachas (calças largas); os ponchos de panos grossos; a pala, que é uma espécie de poncho franjado de pano mais leve; o chapéu mole, de abas largas, preso por uma tira de couro; as botas altas nas quais não faltam as chilenas (esporas barulhentas); o lenço no pescoço; e um cinto grande na cintura, a guaiaca.

Um dos folguedos mais populares do Sul, especialmente em Santa Catarina e no Paraná, é o boi-de-mamão. A exemplo do boi-bumbá do Norte e do bumba-meu-boi do Nordeste, o boi-de-mamão também conta a história do boi que morre, sendo seu corpo repartido com os presentes, mas que depois, por intercessão da Virgem Maria e dos outros santos, é ressuscitado. No Sul, são personagens dessa festa a Bernunça; a Maricota, uma mulher gigantesca que faz a alegria dos espectadores; o vaqueiro, o Mateus, o cachorro, o bicho Jaraguá (que põe medo nas crianças), a girafa, a cobra jibóia, o cavalinho, a cabrinha e muitos outros. O boi-de-mamão é mais alegre e menos dramático que os bois do Norte e do Nordeste.

No Paraná e em Santa Catarina, também há congadas, que mantêm as mesmas tradições de veneração e culto a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia. Na congada paranaense, destaca o grande número de personagens ostentando títulos e sinais de nobreza, como exemplo o rei congo, o principezinho, o príncipe, o secretário, o duque e, curiosamente, personagens com nomes africanos.

IMPORTANTE

Em Caxias do Sul, os descentes de italianos fazem a Festa Nacional da Uva. Em Gramado, acontece a Festa da Colônia e já é tradicional o chamado Natal Luz. Já em Nova Petrópolis, relembrando as tradições alemãs, temos a Festa do Folclore.

O fandango foi trazido para o Sul pelos primeiros colonizadores e recebeu também outros nomes: anu, andorinha, chamarrita, dondom, tonta, carna-verde, sabiá, caranguejo, lajeana, vilão de lenço, xarazinho, xará grande, marinheiro e outros. Tem como acompanhamento musical básico duas violas, uma rebeca e um pandeiro. Nos tempos atuais, o acordeão também passou a ser utilizado.

A chula, conhecida em todo o Brasil e mais popular no Rio Grande do Sul, tem semelhança com o lundu afro-brasileiro e com o baião nordestino. Apresenta a dança como desafio, tanto na cantoria quanto na coreografia. Os dançarinos executam passos entre dois bastões colocados no chão, criando movimentos sem tocar nos bastões.

Conhecida desde a Antiguidade, a dança do pau-de-fita é uma homenagem aos deuses da fertilidade, quando as pessoas enfeitam as árvores em agradecimento aos frutos delas colhidos. Tem a mesma origem a ornamentação do mastro de São João, Santo Antônio e São Pedro.

No Sul do Brasil, é tradição a dança da jardineira antes da trançagem do pau-de-fita. As pessoas carregam no ar arcos enfeitados de flores, fazendo com eles as mais diversas evoluções. Essa dança é conhecida em alguns locais como dança-de-são-gonçalo.

Mas é em São Francisco do Sul, Santa Catarina, que existe um canto chamado cangulo, usado por brancos e negros durante os mutirões da mandioca, cana-de-açúcar e colheita de arroz. Além de manter a atividade, ao mesmo tempo afasta as tristezas e as saudades. O mestre canta o tema principal enquanto os outros respondem o refrão.

Nessa mesma região, se alguém pergunta qual é o prato típico, todo mundo vai responder com o jeito cantado do açoreano: "Só se for na cambira". Mas afinal o que é cambira? Nada mais que uma árvore cuja madeira serve para fazer peixe defumado, que deixa um sabor que só existe em São Francisco.

Já para o gaúcho, churrasco só mesmo o dele. E para acompanhar uma cuia de mate "verde" ou "amargo". Pode ter um bom vinho e uma "canha", que é a cachaça.

Que tal pesquisar as receitas típicas do Sul? Você vai se deliciar com o pinhão, o pão-de-santo-antônio, a* mandeltort*, o marreco com repolho roxo, o barreado e outros. Registre no seu memorial.

No artesanato, a cerâmica está presente em toda a parte, figurativa e utilitária. É famosa, por exemplo, a cerâmica teuto-brasileiro do Vale do Itajaí. Igualmente tradicional são as rendas de bilro ou de almofada da Ilha de Santa Catarina; os trançados de vime, raiz de imbé, palha, taquara e bambu; e o chocolate artesanal.

E, finalmente, muito comum no Sul, a casa de enxaimel, trazida pelos colonos, especialmente alemães, tem por base a utilização de madeira em várias tonalidades, muitas vezes sem pregos, e outros materiais difíceis de encontrar nos primeiros tempos de colonização.

Patrimônio Cultural

O Patrimônio Cultural é de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas. Nesse sentido, a Unesco

7 Região Centro-Oeste

Três Estados compõem a Região Centro-Oeste, são eles: Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Nesta Região também está o Distrito Federal, que abriga a capital do país, primeira cidade do século XX a tornar-se **Patrimônio Cultural da Humanidade**, por decisão da **Unesco**.

Figura 5: Mapa e capitais
Fonte: www.redebrasileira.com/mapas/regioes/

Não tem como falar na cultura desta Região sem falar das tribos indígenas que, mesmo com todas as dificuldades provocadas pelas transformações sociológicas, mantêm fortes e ricas tradições culturais. É na bacia do Araguaia/Tocantins que estão a Ilha do Bananal e o Parque Indígena do mesmo nome. E ainda várias outras reservas espalhadas: o Parque Nacional do Araguaia, a Reserva Indígena do Xingu, Kadiéu, Nhambiquara, Aripuanãa, Jarina e Capoto.

Mesmo com tantos massacres de que, infelizmente, foram vítimas ao longo dos tempos, vivem ali várias tribos, cada uma com sua mitologia, seu lendário, seus segredos, seus folguedos, suas festas e danças.

No Xingu, o huca-huca é uma espécie de torneio de luta em que ganha o guerreiro que conseguir fazer o adversário tocar os ombros no chão. Também a idjazó é uma modalidade de luta de braço, para qual recebe uma festa, a Arnacan. Ela dura um dia inteiro, sendo vencedor o que recebe o título de deridó, aquele que conseguir derrubar mais adversários.

No mês de julho, uma grande festa acontece entre os índios xinguanos. É o javari, que a cada ano homenageia um cacique

IMPORTANTE

trabalha impulsionada pela Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, que é hoje o instrumento internacional da Unesco que obteve a adesão de mais Estados-Membros, e também pela Convenção para a Proteção do Patrimônio Subaquático e pela Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. No Brasil, esse trabalho tem significado frutíferas colaborações com os governos federal, estaduais e municipais e com a sociedade civil. Atualmente, o país conta com 17 bens inscritos na lista do Patrimônio Mundial, pelo seu excepcional e único valor para a cultura da humanidade. Em 2001, as expressões orais e gráficas dos índios Wajãpi do Amapá foram proclamadas obras-primas do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade, figurando ao lado de importantes manifestações culturais que constituem o patrimônio intangível do mundo. Além disso, a Unesco participa ou apóia inúmeras iniciativas nesse âmbito.

morto. Várias tribos participam em confraternização e trocam objetos artesanais desde cerâmica, arcos e flechas, bonecos de barro e até enfeites trançados de algodão. Durante a festa, os jovens precisam mostrar suas habilidades com o dardo. Há rituais em que as mulheres não participam, como o da Karytu, em que os homens tocam enormes flautas de bambu; é o misterioso ritual de morte Kuarup, considerada a maior festa indígena brasileira.

Abrigando muitas fazendas de gado e um amplo complexo turístico, o Pantanal mantém viva uma cultura popular herdada dos índios, mas bastante transformada ao longo dos tempos.

O peão é o tipo característico do Pantanal, ele está sempre disposto a contar uma história sobre um boi bagual que é valente e difícil de conduzir para o curral. O peão também está sempre pronto para participar de uma comitiva.

Você sabe o que é uma comitiva no Pantanal? É um grupo de peões que leva o gado de fazenda para outra, com o berrante comandando a marcha. Eles vão de chapéu de palha ou de couro na cabeça e perneiras em cima da calça para poder entrar nos alagados.

Já o candango é o personagem típico que ficou imortalizado na construção de Brasília. Em sua maioria nordestina, esses construtores trouxeram seu folclore regional, seu modo de cantar. Em Ceilândia, cidade do Distrito Federal, Niemayer projetou a Casa do Cantador, onde, além das apresentações de cordelistas, poetas populares e grupos folclóricos, funciona também a Federação Nacional das Associações dos Cantadores, Repentistas e Poetas Cordelistas.

Mas ainda temos o garimpeiro e o violeiro ou cantador, figuras importantes no cenário da Região Centro-Oeste.

Nas crendices populares da Região Centro-Oeste, dizem que beija-flor entrando pela janela da casa é sinal de boas notícias, o besouro dentro da casa é sinal de novidades. Assoviar à noite atrai cobra. Para não atrair azar, preste bem atenção: não se pode emprestar agulha nas sextas-feiras, nem deixar urubu em cima da casa, jamais passar debaixo da escada, nunca guardar espelho quebrado, deixar chinelos virados com a sola para cima? Nem pensar! Mas se quer atrair sorte é só achar ferradura de sete buracos ou um trevo de quatro folhas. Agora, se é para garantir bons dentes, quando o dente de leite cair basta jogá-lo no telhado e ao mesmo tempo fazer uma reza.

Na linguagem, a morte de alguém pode ser dita de várias formas: bateu as botas, bateu com o rabo na cerca, juntou os borzeguins, foi pro beleléu, fechou ou abotoou o paletó. Quando alguém saiu ou fugiu, é comum ouvir que a pessoa abriu a pala no mundo, picou a mula, capou o gato, saiu de fininho, anoiteceu e não amanheceu, deu no pé.

IMPORTANTE

Lenda é o que não falta. Desde os mistérios da Gruta Azul, em Bonito, ao nascimento do tuiuú, o pássaro símbolo do Pantanal. Mas é a Serra do Martírio o motivo de muitos mistérios. Desde os primeiros tempos do Brasil, já se contavam histórias de um lugar onde a felicidade era absoluta, os rios cheios de peixes, ouro e diamantes, as montanhas eram de esmeraldas, as aves e os animais enchiam as matas de vida e som. Quando o sol brilhava, a serra rebrilhava e seus picos tinham formas semelhantes às lanças da coroa de espinhos com que foi suplicado o Filho de Deus. Dizem que um branco chamado Melchior Dias Moreira e seu filho Robério Dias conseguiram avistar os raios rebrilhantes da serra, com os sinais da Paixão de Cristo e seguindo a luz, chegaram a um lugar com imensos blocos de ouro. A admiração foi tamanha, a ponto do bandeirante ajoelhar-se e bendizer ao Senhor pelo que estava presenciando. Assim, vendo que havia algo sagrado no lugar, pediu ao filho que mantivesse segredo e não dissesse o local exato da serra.

Muitos outros se aventuraram em busca desse tesouro, entre eles o coronel inglês Percy Fawcett que desapareceu na mata e muitos acreditam que ele chegou à Serra dos Martírios. Várias expedições foram enviadas na tentativa de encontrá-lo. Numa delas, o antropólogo e professor norte-americano Petrulho desceu numa aeronave nos rios xinguanos, mas quando os índios se aproximaram, curiosos, ele teve medo e fugiu. O mesmo fato aconteceu com a expedição de Dyott ao encontrarem os índios. Já a expedição franco-suíça tentou seguir os passos de Dyott e misteriosamente desapareceu. Até Assis Chateaubriand mandou uma expedição para desvendar tantos mistérios e, em especial, esclarecer o caso Fawcett. A conclusão foi que todos foram mortos pelos kalapalos. Mas alguns acreditam que o explorador inglês pode ter encontrado uma cidade subterrânea e estar vivendo nela até hoje, pois muitos índios louros foram vistos na região do Alto Xingu e na Chapada dos Guimarães.

Agora vejam só, a Chapada fica exatamente no centro geodésico da América do Sul, ou seja, o centro geográfico do

continente. Então, muitos afirmam que ali pode ser um dos umbigos do mundo, detendo um poder mágico.

E é numa mistura de questões místicas e esotéricas com lendas e mitos de animais que habitam a Região Centro-Oeste que as histórias vão tomando forma. Histórias do caboclo d'água, meio-peixe e meio-homem. A do Anhangüera, que quer dizer "diabo velho", apelido dado pelos índios a Bartolomeu por ele ter prometido atear fogo nas águas caso os índios não lhe mostrasse as minas de ouro. A lenda das lágrimas de Potira, que chorou na beira do rio quando soube que o marido tinha morrido na guerra e suas lágrimas viraram diamantes.

Na cidade de Goiás – mais conhecida como Goiás Velho – durante a quaresma, ocorre a procissão das almas e dizem que ninguém pode abrir as janelas, sob o risco de acontecer coisas que até Deus duvida. Na Quarta-Feira Santa, uma milenar manifestação religiosa chamada Procissão do Fogaréu ganha às ruas da cidade com o intuito de relembrar como os perseguidores buscavam Cristo para prendê-lo. Os participantes, encapuzados e com uma tocha na mão, ao som de tambores ou de matracas e com cantos fúnebres, caminham em marcha pelas ruas da cidade até a igreja, onde há a solenidade final. É comum que, durante a Procissão do Fogaréu, um estandarte, uma bandeira ou uma imagem de Cristo morto seja colocada à frente de todo o grupo. Há, ainda, a lenda do joão-de-barro, que abrigou a Sagrada Família que fugia dos soldados de Herodes e o bem-te-vi que recebeu este nome por "dedurar", cantando bem-te-vi aos soldados, que nada entenderam.

Muitos folguedos foram trazidos da Região Sudeste, pois como já conhecemos a história, o Centro-Oeste foi colonizado, inicialmente, por pessoas vindas de São Paulo e Minas. Portanto, mantêm-se as tradições como as Folias de Reis, os congados e as Festas do Divino. Durante o ciclo natalino, é comum acontecer o folguedo chamado Boi do Natal, em que, igual a todos os "bois", o animal morre e é ressuscitado graças à intercessão de Nossa Senhora. Alguns personagens são diferentes, mas o ritual é o mesmo. Entre cantos, danças e palavras, o boi e seus companheiros brincam no meio do povo.

Em Mato Grosso, entre o Natal e o Dia de Reis, acontece uma festa em que o boi tem um nome diferente: o "toro candil". É um bumba-meu-boi de origem paraguaia em que os personagens de animais possuem chifres com candeeiros, que são acesos durante a festa. Eles são toureados por homens mascarados e às vezes vestidos de mulher.

Mas é em Pirenópolis que acontece o folguedo mais famoso do Centro-Oeste. Estamos falando da Cavalhada. Esta festa acontece durante os festejos do Divino, junto com a Festa de Pentecostes.

Como as outras Cavalhadas, a de Pirenópolis narra as lutas de reconquista para expulsar os mouros da Europa, misturando esse fato com as descrições das aventuras de Carlos Magno e seus cavaleiros, os chamados Doze Pares da França, e também as justas e os torneios da cavalaria medieval. As roupas usadas nessa festa são muito enfeitadas e representam as indumentárias da Idade Média. De um lado, os cristãos, vestidos de azul e do outro, os mouros, vestidos de vermelho. Além disso, cada cavaleiro conduz uma espada na cinta, uma lança toda enrolada com fitas em espiral e um par de pistolas que serão usadas durante os combates. Os cavalos também são ricamente ornamentados. A festa com a encenação da batalha dura, às vezes, até três dias. E, para finalizar, são exibidas provas lembrando os torneios da cavalaria. As provas levam nomes como tira-cabeça, oito de contas, foguinho, alcancia e, a mais importante, a argolinha, em que cada cavaleiro em disparada tem de atravessar com sua lança uma pequena argola suspensa no ar. Quando o cavaleiro consegue tal façanha, ele oferece a argola a uma pessoa que pode ser uma autoridade ou a uma namorada. O homenageado, ao receber a argola,

coloca uma prenda na ponta da lança. As mulheres, geralmente, colocam uma flor ou um lenço. Em seguida, o cavaleiro desfila diante de toda a platéia.

No Centro-Oeste, as danças apresentam nítidas marcas indígenas, como as danças do ciriri e a do cururu, que é considerada uma dança sagrada. Mas apresenta também a influência branca e podemos citar a dança-de-são-gonçalo, com as moças portando arcos coloridos e enfeitados sobre as cabeças, fazendo com eles evoluções coreográficas sob o comando do próprio santo, a volta-senhora, que é quase uma quadrilha, o marimbondo, muito comum no interior de Goiás. O recortado, uma espécie de cateretê, e a serra moreninha, um bailado simples e quase sempre executada dentro de salão.

Não se pode falar do cancioneiro goiano sem referir-se à moda de viola, este gênero musical que é legítimo herdeiro das cantigas medievais e que no Brasil se dividiu em vários estilos e tipos.

Já em Mato Grosso, além da moda de viola, encontramos outros ritmos como a polca paraguaia, a galopa, a guarânia e o chaminé, sendo este último uma junção de ritmos paraguaios e argentinos. Com uma forte influência da Bolívia, temos acompanhamentos musicais com a utilização de instrumentos como o charango.

Quanto ao sabor, podemos experimentar nesta região os licores, como o aluá e a gengibirra, feitos com abacaxi, o peixe com banana, e os bolos de mandioca e de moranga. Na fronteira com o Paraguai e a Bolívia, são comuns pratos como a chipa paraguaia, uma espécie de pão de queijo; e a sopa paraguaia, que de sopa não tem nada, mais parece uma torta de fubá ou a polenta do Sul do Brasil. Na região pantaneira é tradicional a roda do tereré, que é a erva-mate com água fria.

O destaque do artesanato também fica por conta da influência indígena. Um exemplo é a tribo dos Carajás, no Xingu, na qual as canoas e os remos são peças de alto valor artístico, muito bem desenhados e pintados com tinturas da própria natureza. Igualmente ricos são os bonecos de madeira e barro, conhecidos como licocós.

Os índios também são mestres na arte da cerâmica e hábeis trançadores de bambus e taquaras, usados na confecção de cestas e outros objetos.

Em toda a Região, mas principalmente em Goiás, as tecelãs são de grande importância socioeconômica. O algodão é a matéria-prima. Colhido e descascado em rústicos aparelhos

artesanais, passado depois nas rocas e nas caneleiras dos teares, as peças podem ser usadas na fabricação de colchas, redes, mantos e vestimentas diversas.

IMPORTANTE

8 O que podemos fazer com a cultura do Brasil

Pronto! Depois desta rica viagem, precisamos saber como preservar, difundir e incentivar a cultura popular, o maior patrimônio do nosso povo. Nessas Regiões, podemos observar – nos traços físicos da população, nas crendices, nos folguedos, na religiosidade, na culinária, no linguajar e em vários outros elementos – ora a presença marcante da cultura indígena, ora a de raízes africanas, ora a da influência portuguesa e também italiana, alemã, paraguaia etc.

Com o tempo, estas misturas foram dando novos tons ao Brasil. Cada geração passa por um processo de aprendizagem, no qual assimila a cultura do seu tempo e do seu povo, e muitos ainda, com o deslocamento para outras regiões, vão passando sua cultura e adquirindo novas. Mas é na capacidade de perpetuar a cultura que está a possibilidade do progresso. Todo progresso está no resultado desta síntese de novos elementos culturais com os já adquiridos. Por mais viva e inventiva que seja uma nova cultura, esta não pode romper inteiramente com sua herança, seu passado. Não há como romper a continuidade entre uma geração e outra.

Como nos instiga Carlos Drummond de Andrade: "E agora José?"

Geralmente, o enriquecimento do Patrimônio Cultural se faz por dois processos: a invenção e a difusão. Vejamos alguns exemplos: quando, nos meados do século XIX, o uso do motor a vapor colocou o trem correndo sobre os trilhos, ocorreu uma transformação decisiva no mundo moderno. Maior impacto ainda foi, no fim daquele mesmo século, a invenção do automóvel. Você é capaz de perceber como esta invenção pôde mudar toda a cultura de um povo? Mais recentemente ainda, podemos falar

do telefone celular, da internet e de várias outras tecnologias que entraram nas nossas vidas, sem que nos déssemos conta.

Estas tecnologias são invenções que, na combinação de traços culturais já existentes, vão criando novos traços culturais. Muitas vezes gerando amplas e profundas mudanças em toda a cultura.

Mas quando alguns traços culturais, uma nova moda, ou o uso de uma destas novas invenções são difundidos na sociedade, o que geralmente acontece pelos meios de comunicação, podemos dizer que está havendo um processo de difusão cultural. Percebeu que não basta inventar? É necessária uma difusão. A língua que falamos, a religião que seguimos, muitos utensílios e máquinas que usamos não foram inventados no Brasil. Foram adquiridos por meio da difusão cultural.

Saiba mais sobre cultura imaterial no* site*: www.museu-goeldi.br/institucional/i_prop_cultura.htm

Mas a **cultura imaterial**, ou seja, valores, idéias, jeitos de ser são mais difíceis de difundir. Estes estão impregnados das nossas emoções. Esta cultura tem um enraizamento mais profundo no ser humano do que a utilização de técnicas e máquinas.

Mas então o que fazer para que toda a riqueza cultural do Brasil não seja esquecida?

Você já deve ter uma noção do que fazer, mas queremos incrementar suas idéias. Começaremos pelas leis que nos protegem e nos ajudam a fazer a difusão cultural.

9 Leis de incentivo à cultura

Diante de tudo o que você aprendeu sobre a diversidade cultural presente em todos os cantos do nosso imenso Brasil, é hora de falarmos um pouco sobre as **leis de incentivo à cultura**, tão importantes para a difusão e para a preservação da memória cultural em razão da riqueza dos elementos que a compõem.

A União, o Distrito Federal e um grande número de Estados e municípios instituíram suas leis ou decretos de incentivo à cultura, cuja sistemática consiste em conceder isenção fiscal às pessoas jurídicas que estejam dispostas a investir em cultura.

IMPORTANTE

As leis de incentivo à cultura passaram a vigorar a partir de meados dos anos 1980, e o Estado passa a atuar como incentivador, um realizador indireto, que utiliza seu poder político-legal para organizar normas e procedimentos, constituindo-se como o maior planejador e fomentador de bens culturais.

Para desenvolver seus projetos, os artistas, os escritores e os produtores culturais precisam conhecer estas leis bem como as de incentivo à cultura de seu Estado e de seu município.

Vejamos o que diz a Constituição da República Federativa do Brasil a respeito da questão, em seu Capítulo III, Da Educação, da Cultura e do Desporto:

Seção II

Da Cultura

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º - O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

§ 2º - A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º - O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º - Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3º - A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º - Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º - Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

§ 6º É facultado aos Estados e ao Distrito Federal vincular a fundo estadual de fomento à cultura até cinco décimos por cento de sua receita tributária líquida, para o financiamento de programas e projetos culturais, vedada a aplicação desses recursos no pagamento de: (Incluído pela Emenda Constitucional nº 42, de 19.12.2003).

I - despesas com pessoal e encargos sociais; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 42, de 19.12.2003).

II - serviço da dívida; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 42, de 19.12.2003).

III - qualquer outra despesa corrente não vinculada diretamente aos investimentos ou ações apoiados. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 42, de 19.12.2003).

As leis de incentivo cultural possibilitam a realização de importantes projetos de arte e cultura em todo o território nacional.

Essas leis de incentivo possibilitam entendimentos e apoios entre o empreendedor e o incentivador cultural. Por meio de seus mecanismos, essas leis aproximam os produtores, os artistas, os investidores e o público e ainda contribui para dinamizar e consolidar o mercado cultural no país.

Para que você as conheça, oferecemos um pequeno resumo das principais leis de produção e fomento da cultura.

IMPORTANTE

LEI ROUANET – A Lei Federal nº 8.313/91 tem o nome do diplomata e escritor Sérgio Rouanet, secretário da Cultura da Presidência da República no governo do presidente Fernando Collor (1991-1992). Permite às empresas patrocinadoras um abatimento de até 5% do Imposto de Renda. Para ser enquadrado na lei, o projeto deve ser aprovado pelo Ministério da Cultura.

Acesse o* site *abaixo e tenha acesso à Lei Rouanet: www.ancine.gov.br

A Lei Rouanet, que institui o Programa Nacional de Cultura, é o grande instrumento que aperfeiçoa nossa primeira lei a estabelecer relações entre o Estado e a iniciativa privada usando o mecanismo da renúncia fiscal para investimento em Cultura – a chamada Lei Sarney (Lei Federal nº 7.505/86), sancionada pelo presidente José Sarney, que lhe deu o nome. A Lei Rouanet, desde então, é o principal instrumento de incentivo e captação de recurso realizado no âmbito do setor cultural brasileiro.

LEI DO AUDIOVISUAL – A Lei Federal nº 8.685/93, modificada pela MP nº 1.515, permite desconto fiscal para quem comprar cotas de filmes em produção. O limite de descontos sobre o Imposto de Renda é de 3% para pessoas jurídicas e de 5% para pessoas físicas. O limite de investimentos por projeto é de R$ 3 milhões. É de interesse mais imediato de cineastas e produtores de vídeo. Para serem enquadrados na lei, os projetos são analisados, em Brasília, pela Secretaria para o Desenvolvimento do Audiovisual, órgão do Ministério da Cultura. Endereço eletrônico: drminc@dialdata.com.br

Acesse a Lei do Audiovisual no* site*: www.ancine.gov.br

LEI DE INCENTIVO À CULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO – A Lei Estadual nº 12.268/06, sancionada pelo governador Geraldo Alckmin, institui, por meio do Programa de Ação Cultural, os mecanismos do Fundo Estadual de Cultura, Recursos Orçamentários e Incentivo Fiscal, que representam um aperfeiçoamento dos instrumentos anteriores de incentivo no Estado de São Paulo.

LEI MENDONÇA DA PREFEITURA DE SÃO PAULO/SP – A Lei Municipal nº 10.923/90, que resultou do projeto do vereador Marcos Mendonça, no governo do prefeito Paulo Maluf, permite ao contribuinte, seja ele pessoa física ou jurídica, utilizar até 20% do valor devido do IPTU ou do ISS em projetos culturais. Ao fazer a transferência, o incentivador recebe certificados para reaver 70% do valor aplicado em até 24 meses.

LEI MURILO MENDES DA PREFEITURA DE JUIZ DE FORA/MG – A Lei Municipal nº 8525/94 foi uma iniciativa do vereador Vanderlei Tomaz, sancionada pelo prefeito Custódio Matos, criando o Programa Cultural Murilo Mendes, vinculado à Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage (Funbalfa). Consiste em financiar projetos de produtores locais por meio de um fundo aprovado anualmente pelo orçamento. Os projetos aprovados recebem de 80% a 100% do valor proposto. Em 2005, foram 399 projetos. Destes, 78 foram aprovados nas mais diversas áreas (cinema, literatura, música, artes plásticas, fotografia, arte, educação, artes cênicas).

LEI ROBIN HOOD DO ESTADO DE MINAS GERAIS – A Lei Estadual nº 12.040/95, conhecida como Lei Robin Hood, foi uma iniciativa do governador Eduardo Azeredo e representou grande inovação nas políticas públicas de Minas Gerais, na área social, com resultados muito expressivos no setor da cultura. Robin Hood foi um herói lendário cujas histórias são conhecidas, na Inglaterra, há mais de 700 anos. Era um aventureiro que roubava dos ricos para distribuir com os pobres. Ao transferir parte dos recursos de municípios ricos para municípios mais pobres, que atendem exigências básicas da área social, o governo de Minas Gerais desenvolve uma ação política parecida com as iniciativas do lendário Robin Hood, imortalizado pela literatura e pelo cinema. O objetivo é estabelecer uma política de parcerias entre o Estado e os municípios, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida da população de regiões mais pobres. Com esta lei, verificou-se grande incentivo à criação dos Conselhos Municipais do Patrimônio Cultural e ao tombamento e proteção dos bens culturais dos municípios. Além da Lei Robin Hood, Minas Gerais tem outro instrumento de apoio à cultura: a Lei Estadual nº 12.733/97, sancionada pelo governador Eduardo Azevedo, que dispõe sobre a concessão de incentivos fiscais com o objetivo de estimular a realização de projetos culturais no Estado.

Nem todos os Estados possuem leis de incentivo à cultura. Alguns possuem conselhos de cultura ou comissões culturais/técnicas que analisam os projetos locais e verificam o cadastramento do proponente como ente cultural, o caráter artístico-cultural e de interesse público, critérios técnicos, idoneidade físico-financeira, pertinência do projeto, viabilidade técnica, exeqüibilidade e detalhamento orçamentário.

IMPORTANTE

3

Escola pública: pólo irradiador de cultura

1 Escola pública: pólo irradiador de cultura

É fácil afirmar que a escola pode e deve ser um pólo irradiador de cultura. Agora, precisamos nos convencer que temos de fazer alguma coisa para que esta afirmação seja verdadeira. Precisamos contagiar os colegas que nos rodeiam e, especialmente, a direção da escola, a comunidade próxima e o poder público de seu município. Para isto, utilizaremos argumentos que estimulem o consumo por cultura.

Mas por que a escola pode ser considerada um pólo irradiador de cultura?

Ora, com o acúmulo de experiências culturais, o aluno aprende a pensar, a se relacionar, a se expressar e, conseqüentemente, a melhorar o conjunto de atitudes que formam o desempenho escolar.

A escola, naturalmente, está repleta das condições que favorecem a difusão cultural: o conhecimento, a expressividade, a ambientação, a socialização, a própria filosofia educacional que agrega a cultura humana.

Assim, dado o alcance que a educação assume na questão cultural em suas várias dimensões, surge a necessidade de refletir que todos os momentos da rotina diária da escola são importantes para incorporar a difusão cultural. Dedicar um espaço e um momento, que centralizem as decisões e as atividades, pode facilitar a difusão. Este espaço ou momento é que podemos chamar de pólo irradiador da cultura, que vai abrigar as oficinas culturais e propiciar a abertura de espaço para estabelecer o *marketing* cultural.

Não pense que a cultura deve ser centralizada em um único lugar na escola. Não é bem assim. Em todos os seus cantos a cultura encontra-se espalhada, mas um lugar especial pode ser direcionado às atividades escolhidas e propostas pela comunidade escolar. Todo trabalho cultural deve ser incorporado por meio da expressividade dos alunos, da tendência cultural que a comunidade já possui. As práticas culturais predominantes da comunidade são as melhores possibilidades de exploração das capacidades do aluno e de construção dos repertórios próprios.

Mas é compreendendo o caráter lúdico e expressivo das manifestações culturais que se tem a melhor forma de iniciar e manter um espaço dedicado a estas propostas.

IMPORTANTE

Bom, acreditamos que foi fácil perceber que a escola é o melhor lugar para irradiar a educação cultural, abrangente, criativa e inventiva.

Mas como organizar oficinas culturais na escola? É um desafio que pode ser gratificante e prazeroso.

Antes de sugerir idéias de organização de uma oficina, gostaríamos de oferecer pontos de reflexão sobre a prática de oficinas culturais na escola. Então pense e converse com seus colegas sobre estas questões:

- ***O que é oferecido em termos culturais aos nossos alunos?***
- ***Qual é a cara da nossa comunidade? Em qual perfil cultural podemos defini-la?***
- ***O que é mais valorizado na cultura escolar? Este valor é justo? Por quê?***
- ***Como acompanhamos o aprendizado e o encantamento do aluno pela cultura do nosso país?***
- ***A escola permite ao aluno sair da esfera de reprodução cultural para uma atividade criativa e inovadora?***

2 Oficinas culturais e formação de platéia

O que são oficinas culturais?

Respondendo rápido a essa questão podemos imaginar a "oficina" como um lugar onde coisas são consertadas. Não é verdade que qualquer aparelho ou máquina, quando necessita de reparos o levamos a uma oficina? Isso vale tanto para o telefone celular e a televisão quanto para o liquidificador e o automóvel. O lugar onde consertamos coisas é a oficina.

No senso comum, não costumamos associar uma oficina a um espaço de descoberta. A não ser que fosse a descoberta do problema do eletrodoméstico. Já um "laboratório" pode ser compreendido como um espaço de descoberta. Afinal, não foi num lugar desses que Thomas Edson descobriu a energia elétrica, Luis Pasteur descobriu a pasteurização e Sabin a vacina contra a poliomielite?

E se, além de um lugar de descoberta, como o laboratório, a oficina fosse também um lugar de criação? Em outros idiomas a palavra *oficina,* em associação com o conceito de cultura, é utilizada como *workshop* (inglês), *taller* (espanhol) e *atelier* (francês e português).

Ora, pensemos em um *atelier*. Esse é o lugar em que um alfaiate ou uma costureira produz uma roupa. Ou ainda, onde um artista plástico produz seu quadro, sua escultura. Nesse sentido, não é apenas o lugar de reparo, mas também de produção e de criação.

Podemos agora definir as* oficinas culturais *como um espaço de aprendizado de saberes, de experimentação de práticas, de reprodução de informações – e, também, como um espaço de descoberta e de autodescoberta; de invenção, de contato com o novo, de inovação; e ainda de criação de algum aspecto ou elemento da cultura.

Mesmo quando realizadas em escolas, as oficinas culturais não têm como meta a educação formal. Seu objetivo maior é a formação cultural do cidadão. Pretendem incluir as pessoas quer nas práticas tradicionais, quer nas experimentações inovadoras; ora na apreensão do que é típico, ora na vivência do que é novo. São indicados caminhos e possibilidades para se abrir as mentes, pra se ampliar o campo de visão e de inserção sociocultural.

Outra diferença entre a educação formal (mesmo a realizada nas escolas de arte, música e teatro) e as oficinas culturais é que estas não seguem necessariamente o calendário escolar. Ou seja, podem ser realizadas durante todo o ano, até mesmo durante as férias escolares. Isso porque a escola se abre ao coletivo, e as oficinas são oferecidas a toda comunidade e não apenas aos seus alunos. Não existe a expectativa de formar "artistas". Caso algum aluno ou participante se destaque e seja notória sua habilidade especial, provavelmente ele será encaminhado a escolas de aperfeiçoamento e a programas especiais de treinamento, se for de seu interesse. Mas o participante típico é a pessoa comum.

As *oficinas* são preparadas com originalidade na proposta, agilidade no desenvolvimento e maleabilidade na execução. Elas não possuem um currículo a ser seguido nem um estágio, grau ou patamar a ser superado. Cada evento tem seu período de execução e trazem em si mesmo seu objetivo e valor.

IMPORTANTE

Dar um caráter preferencialmente prático às atividades não significa deixar de fundamentá-las teoricamente. Por exemplo, em uma oficina de capoeira é necessário que o significado da prática, o seu sentido antropológico e o seu papel histórico sejam aprendidos durante o desenrolar das atividades. Caso contrário, a capoeira seria reduzida a um tipo de prática de exercícios, pertinentes como atividade física, mas já se distanciando do caráter de oficina cultural.

O produto das oficinas também é muito diversificado. Pode haver espetáculos (dança, teatro, circo...), pode ocorrer apresentações (capoeira, expressão corporal, *tai chi chuan*...); festas, desfiles, exposições, tarde de autógrafos, sarau, cantoria, presepada – são muitas as formas de se concluir esse processo de aprendizagem. Essa forma mais livre de programar e executar as atividades ajuda a fomentar a diversidade cultural, evita a rigidez da cobrança de conteúdos por meio de avaliações tradicionais e promove a criação de uma verdadeira "comunidade de aprendizagem".

Como surgiram as primeiras "oficinas culturais"?

Não sabemos como eram chamadas na época aquelas pessoas que desenhavam e pintavam nas paredes das cavernas no período **Neolítico**. Tudo leva a crer que eram pessoas "cultas", ou seja, pessoas com grande conhecimento da cultura da época. Isso se traduz pela descrição minuciosa da anatomia dos animais representados, pela coerência da apresentação das imagens e pelo lugar social que deviam ter. Sua tarefa era especial: eram designados para desenhar e pintar aspectos dos hábitos e dos costumes de um povo.

Outro fato importante e curioso que devemos salientar é que em alguns desses lugares também foram encontrados instrumentos de trabalho utilizados por aquelas pessoas, que desenhavam nas paredes, de onde se pôde deduzir até que misturavam pigmentos a fim de encontrarem cores que

O período Neolítico, também chamado de Idade da Pedra Polida, é o período da Pré-História compreendido aproximadamente entre 12000 a.C. e 4000 a.C. Durante este período surge a agricultura, e a fixação inerente ao cultivo da terra provoca o sedentarismo (moradia fixa em aldeias) e o desenvolvimento da vida em sociedade, assim como o avanço cultural e o aumento da população. As primeiras aldeias são criadas próximas a rios para usufruir da terra fértil (onde eram colocadas sementes para plantio) e da água para homens e animais. Também neste período começa a domesticação de animais (cabra, boi, cão, dromedário etc.). O trabalho passa a ser dividido entre homens e mulheres, os homens cuidam da segurança, da caça e da pesca, enquanto as mulheres plantam, colhem e educam os filhos.

traduzissem mais realisticamente a caçada, o ritual em questão ou as fases do ano.

Para que essas formas de transmissão ocorressem e fossem entendidas havia observação, desenvolvimento de técnicas e ainda a preparação de pessoas que desempenhassem esse papel para a manutenção destas civilizações, tribos e povos.

Isso nos leva a crer que aqueles lugares diante das pinturas rupestres, em algum momento e por diferentes pessoas, foram utilizados como oficinas culturais. Aqueles produtores de cultura, que tempos depois foram chamados de "artistas", tornaram-se pessoas especiais, com habilidades muito particulares bem desenvolvidas. Esses dons que os diferenciavam dos demais componentes da tribo fazia com que lhes fossem atribuídos poderes sobrenaturais, mágicos ou espirituais – poderes culturalmente reconhecidos.

A tarefa de produzir e transmitir às gerações futuras o "espírito do povo", a cultura, fez com que, durante muitos séculos, os únicos empregadores de artistas, artesãos, escrivães, cantores etc. fossem os príncipes e os sacerdotes. Dessa forma, durante os últimos 5 mil anos, as principais oficinas culturais que a humanidade produziu estavam sediadas em palácios e templos.

Hoje, as oficinas culturais são espaços instituídos em escolas e centros de fomento à cultura com o objetivo de oferecer aos interessados atividades, principalmente, de caráter vivencial. Essas atividades constituem oportunidades de experimentação dos mais diversos tipos de linguagens expressivas. Do mesmo modo, as oficinas culturais podem ter o formato de treinamento e práticas específicas que favorecem o aprendizado e o desenvolvimento de teorias e técnicas artísticas e expressivas, possibilitando, ao final, a formação permanente de público crítico e de profissionais competentes para o setor cultural.

Mas você deve estar se perguntando:

Essas oficinas existem em meu município?

Em caso afirmativo, como motivar os alunos a participar de uma oficina cultural na escola? Pois, se não tiverem público, as oficinas vão perdendo a motivação e é bem provável que não durem por muito tempo.

Pense sobre essa questão e registre no memorial.

Mais adiante, vamos falar sobre algumas atividades que ajudam na preparação e na motivação de uma oficina cultural, ou seja, no *marketing* cultural. No momento, você precisa estar convencido que quanto mais contatos com atividades culturais, melhor preparados estarão os alunos para exprimir seus pensamentos. Ao assistir a uma peça teatral, participar de um recital de poesia, ouvir música ou qualquer outra atividade continuamente, o aluno vai desenvolvendo o gosto pela arte e assim percebendo diferentes pontos de vista. Reafirma sua identidade cultural para provocar atos e despertar sentimentos. Aos poucos, vai se identificando com a linguagem utilizada na transmissão daquela atividade cultural. Vai aprendendo a fazer novas leituras. Isso mesmo, leitura!

IMPORTANTE

Leitura não diz respeito apenas ao decifrar dos códigos gráficos, letras. Leitura está relacionada ao ato de compreender as coisas que nos cercam. Quando paramos diante de uma tela pintada e começamos a observar os detalhes, perceber a mensagem que o artista tentou passar, aí fazemos a leitura do quadro. Já deve ter acontecido com você: ouvir uma música, reconhecer o ritmo em diversas ocasiões e não saber do que se trata a letra daquela música. Se isto já aconteceu, então não houve leitura. Assim, em tudo na vida, fazemos ou não fazemos leituras.

Então leitura é sensibilização, percepção, significação.

Igualmente vale dizer que a compreensão e a leitura de uma atividade cultural podem depender do conhecimento de experiências anteriores, ou seja, as relações de associação com experiências anteriores podem servir para estimular a compreensão e o desejo de interação com a atividade atual.

Por exemplo: se a criança tem na família alguém que gosta de poesia e, com freqüência, lê ou declama um poema, é claro que ao chegar à escola e deparar com um recital de cordel, ela trará um conhecimento de rimas, melodia, sensibilidade e demais sentimentos que a poesia pode proporcionar.

Veja bem, você, quando começou a ler este módulo e leu sobre o folclore do Brasil, já trouxe outras experiências que foram adicionadas ao que estava escrito. Pode ser que você tenha vivido algumas coisas em sua Região, lido outras em romances, convivido com pessoas de outros lugares, ou até mesmo assistido na TV a uma novela ou a uma minissérie.

É por meio desse conhecimento prévio que vamos encontrar a platéia para nossas oficinas culturais. Somente quando o aluno exercita várias leituras – cinema, festas populares, escultura, música, etc. – é que ele poderá compreender as relações entre essas diversas linguagens e abrir-se à reflexão. É participando e experimentando que ele vai decidir o que mais aprecia.

Aos poucos, os alunos vão percebendo que é possível estabelecer o diálogo entre as mais variadas manifestações e que existem outras formas de linguagem sobre um mesmo assunto. De repente, um professor sugeriu a leitura de um livro e, a partir daí, pode surgir uma oficina de teatro, música, artesanato, com o objetivo de fazer uma releitura do livro. O educador e técnico em multimeios didáticos, responsável pelas oficinas culturais, deve estar atento a essas iniciativas.

Bom, precisamos também de um *marketing* cultural, isto é, fazer uma propaganda do que pretendemos oferecer. Então, só nos resta criar, intencionalmente, oportunidades para que os alunos se apropriem das oficinas culturais.

Um bom convite resolve parte da preocupação com a adesão da platéia. Mais uma vez, a criatividade deve ser a condutora dessa ação. Convidar deve ter também a função de atrair. É claro que depois de atrair, vem uma nova missão: desenvolver com qualidade a atividade proposta. Mas sobre este tema vamos falar mais adiante, no capítulo de planejamento de atividades culturais.

Enquanto isso, arregace as mangas e planeje sua propaganda. A formação da platéia é uma estratégia que vai manter a oficina cultural. Uma vez cativado, o aluno reage instigando a imaginação, as sensações e os sentimentos pessoais e, naturalmente, passa a incluir no seu repertório a apreciação de atividades culturais.

Pense em como você poderia fazer essa divulgação para atrair os alunos e demais sujeitos da comunidade escolar. Registre no seu memorial.

IMPORTANTE

3 Valorizando o que a escola tem

A escola deve ser um espaço bonito e agradável, um lugar de aprender e de viver, que deixe recordações inesquecíveis pela vida inteira. Nela nos educamos e junto com todos que lá atuam, compartilhamos experiências que são incorporadas ao nosso jeito de ser, de pensar e de viver. É neste convívio escolar que encontramos pessoas diferentes, de costumes e gostos variados, que cada um traz do seu ambiente familiar.

Podemos dizer que as diferenças culturais e sociais que existem no universo da escola representam uma riqueza extraordinária. Esta riqueza não pode ser esquecida. Ela deve ser trabalhada criativamente nas salas de aula e nas oficinas culturais, porque é um instrumento capaz de formar o cidadão do futuro, com novas habilidades e conhecimentos, com uma visão planetária e um comportamento responsável, democrático e solidário.

Todos nós levamos para a escola uma herança cultural que veio de uma história e de uma geografia muitas vezes diferentes que se manifestam no jeito de falar, de se comportar, no gosto por certos alimentos, no interesse pelas artes e tantos outros aspectos da vida e da cultura. Em contato com outras pessoas, vamos, aos poucos, incorporando novos costumes, conhecendo a maneira de viver dos outros e ampliando nossa visão de mundo. Muitas vezes, deixamos nossas raízes e passamos a nos comportar de outra forma para atender as necessidades do convívio social.

Faça este exercício: converse com seus familiares, vizinhos, colegas de trabalho sobre os costumes mais íntimos das famílias. De preferência, busque resgatar costumes antigos.

Com certeza essa conversa irá revelar valores e costumes que já estavam esquecidos e será um bom começo para resgatar algumas histórias que podem ser trabalhadas, de forma bem inteligente, numa oficina cultural.

Registre alguns pontos destas descobertas em seu memorial.

Muitas escolas já desenvolvem iniciativas interessantes, certamente com boas possibilidades de êxito. Buscam na sua comunidade a essência cultural e a partir delas programam atividades que as valorizem. Assim, o benefício é de todos. A escola desenvolve uma imagem positiva junto à comunidade que, por sua vez, se vê prestigiada. É o *marketing* da educação ajudando a formar uma sociedade melhor, mais criativa e mais humana.

Com esta proposta, a escola torna-se um espaço acolhedor, vivo e dinâmico, que soma valores culturais ao projeto educacional, possibilitando ao educador e técnico em multimeios didáticos mediar a aproximação efetiva com a comunidade.

Por exemplo, em algumas comunidades é bem presente uma determinada atividade artesanal, que poderá ser objeto de estudo na escola, aliando experiências do povo com os conhecimentos que estão nos livros.

A escola que não percebe as necessidades da comunidade e não interage com ela, precisa repensar sua prática. Você percebeu o quanto a escola pode fazer em parceria com a comunidade na produção e na difusão da cultura?

4 Onde e como promover oficinas culturais na escola

Somos todos criadores. O potencial criador é inerente ao ser humano. Isso significa que o ato de criar é característica da humanidade como um todo e de cada pessoa em particular. Nesse sentido, nem os traços genéticos nem os culturais determinam uma "incapacidade de criar". Isso vale também para aqueles que possuem limitações físicas ou mentais, ou seja, algum tipo de necessidade especial. Em qualquer lugar do mundo, em qualquer idade, seja qual for o país, a condição socioeconômica, a religião, a cor da pele, a cor dos olhos, a condição sexual, as escolhas políticas e ideológicas, as preferências e gostos: somos todos criadores.

O espaço físico de uma oficina cultural é versátil. Não se trata de um espaço permanentemente dedicado a algo específico, como uma sala de aula comum. Ele é destinado para múltiplos usos. Uma sala que abrigou uma oficina musical pela manhã

pode ser redimensionada para receber, à tarde, uma oficina de dança e, à noite, uma terceira oficina diferente. Com um mínimo de espaço físico adequado, é possível atender diariamente um grande número de participantes e desenvolver variadas experimentações de diferentes iniciativas e projetos culturais.

IMPORTANTE

Os formatos de apresentação e o número de participantes também são muito variados. As oficinas podem ser de curta, média e longa duração. Um evento de três dias tem curta duração, mas pode agregar mais participantes do que outro, desenvolvido ao longo do ano.

As* oficinas culturais *atuam nas áreas de acervo cultural, administração cultural, artes plásticas, cinema, vídeo, circo, dança,* design*, folclore, literatura, fotografia, culinária, história em quadrinhos, meio ambiente, multimídia, música, ópera, dança, teatro, rádio e televisão.

Na sua escola, quais oficinas poderiam ser construídas? Existe espaço físico e tempo destinado para esse tipo de prática?

5 Planejamento de oficinas culturais

As oficinas culturais favorecem a aprendizagem, promovem o pensamento criador, a imaginação e a compreensão do mundo. Além do mais, amplia os horizontes do ambiente escolar tornando-o mais alegre e bem mais interessante.

Para um bom planejamento, é importante que todos os funcionários e a comunidade estejam plenamente envolvidos em sua elaboração e execução. Mas antes de parecer um receituário, rígido em regras, é importante ressaltar que essas idéias para o planejamento de oficinas culturais não são propostas fechadas.

Vale a pena, também, considerar as opiniões de profissionais da área cultural que, certamente, poderão contribuir com sugestões e propostas viáveis. O educador e técnico em multimeios didáticos deve ter essa percepção ao planejar ações para garantir o sucesso das oficinas culturais.

REFLEXÃO

Planejar é prever, organizar e registrar as idéias e os procedimentos para a realização de uma iniciativa. O planejamento deve ser organizado para favorecer um momento de prazer, de reencontros, de compartilhamento de idéias, sonhos e descobertas. Nesse sentido, você considera importante que haja uma discussão ampla para que as oficinas culturais possam fazer parte das ações interdisciplinares e/ou das atividades extraclasse, podendo estar presentes no currículo, preservando a natureza dos conteúdos de cada disciplina?

INTERNET

Saiba mais sobre a vida, a obra e a trajetória desse grande educador no site: www.paulofreire.org/

"Ai de nós, educadores, se deixarmos de sonhar sonhos possíveis.(...)

Os profetas são aqueles ou aquelas que se molham de tal forma nas águas da sua cultura e da sua história, da cultura e da história do seu povo, que conhecem o seu aqui e o seu agora e, por isso, podem prever o amanhã que eles mais do que adivinham, realizam."

Paulo Freire

Alguns aspectos do planejamento devem merecer atenção especial e constar no Projeto Político e Pedagógico cuja participação do educador e técnico em multimeios didáticos neste processo é fundamental. O calendário cultural poderá ser mensal, semestral ou anual. É preciso ter em vista o perfil cultural de toda a comunidade escolar. O evento deverá ser de boa qualidade e de valor educativo. Nos períodos letivos, uma oficina cultural deverá ter um tempo de duração preestabelecido num cronograma de forma que não prejudique as outras atividades escolares. Outras observações importantes: os horários da oficina cultural devem ser adequados às atividades que serão desenvolvidas. Um evento de arte infantil, por exemplo, não deve ser promovido em horário noturno, enquanto outro que tenha os pais de alunos como convidados pode ser realizado à noite. É necessário, em princípio, evitar a freqüência ou a repetição de uma mesma atividade. É muito importante a garantia de público, o que se consegue com uma divulgação bem elaborada, com cartazes, notícias e convites especiais, principalmente, às pessoas mais interessadas no evento.

Ao planejar as oficinas culturais coletivamente, você precisa ter a sensibilidade de perceber o nível de interesse da comunidade escolar. Oficinas literárias, hora do conto, sarau literário, exposições artísticas, apresentações teatrais e musicais, a instalação de uma rádio comunitária e a realização de qualquer evento a ser desenvolvido necessita de um planejamento prévio.

"Não temos escolha: temos de chamar as pessoas para o processo de repensar, reprojetar e reestruturar a organização... Se elas estiverem envolvidas, vão criar um futuro do qual elas mesmas fazem parte".

Frijof Capra

Assim, quando as atividades são planejadas previamente, fica mais fácil identificar quais ações se deseja desenvolver para quem, com quem, em que tempo, como e qual o resultado que se quer atingir. Este processo é um mecanismo prático, que permite a organização e o controle das atividades, ao mesmo tempo em que permite identificar tudo o que possa interferir, contribuir, afetar, facilitar, dificultar etc., buscando estabelecer, de forma integrada, a direção a ser seguida.

Para obter sucesso em qualquer atividade é importante saber exatamente onde estamos e onde queremos chegar. Em outras palavras, temos de avaliar a situação atual e projetar a situação futura, traçando os caminhos a serem percorridos. Isto é planejar. Um planejamento só terá valor quando estiver formalizado.

" A maioria das pessoas não planeja fracassar, fracassa por não planejar".

John L. Beckey

4

Idéias para colocar em prática na escola

1 Idéias para colocar em prática na escola

Como o próprio título já diz, queremos apenas dar algumas idéias de oficinas culturais. É claro que sua criatividade deve "falar" mais alto na hora de sugerir alguma atividade para sua escola. Também sabemos que cada escola tem uma realidade. Algumas idéias vão parecer absurdas para uns e ao alcance para outras. Você deverá avaliar e adequar seus projetos às condições de sua escola.

Portanto, as oficinas culturais deverão ser abertas e dinâmicas e deverão levar em consideração o contexto sociocultural da comunidade escolar, as peculiaridades de cada linguagem artística além das características individuais dos educadores e técnicos em multimeios didáticos da educação, dos alunos e da comunidade escolar.

2 Folclore

Como já exploramos bem o folclore brasileiro, nossa primeira proposta é a de uma oficina de folclore. Você terá uma imensa lista de atividades para explorar essa oficina: palestras, apresentações teatrais, brincadeiras, enfim, por meio das mais variadas formas e manifestações culturais.

Então, sugerimos uma sala especial que possa ser a vitrine do folclore brasileiro, com cartazes explicativos, de forma participativa e, principalmente, descontraída, que é a cara do nosso povo.

Pode-se começar com as expressões folclóricas e ditos populares que, além de engraçados, despertam a curiosidade de todo mundo. Podem ser escritas em cartazes e espalhadas pela sala. Veja se você é capaz de se reconhecer nessas expressões:

Provérbios

Os provérbios transmitem conhecimentos práticos sobre os mais variados assuntos e norteiam a ética, a moral e a filosofia. Veja alguns exemplos:

“Quem não tem cão, caça com gato”, “De grão em grão, a galinha enche o papo”, “Pelo afinar da viola se conhece o tocador”, “O seguro morreu de velho”, “O que não tem remédio, remediado está”, “Macaco velho não mete a mão em cumbuca”, “A cavalo dado, não se olha o dente”, “Quem nunca comeu melado, quando come se lambuza”, “Quando a esmola é muita, o santo desconfia”, “Santo de casa não faz milagres”.

IMPORTANTE

Frases feitas

São frases que repetimos naturalmente em nossa fala e têm seu próprio sentido:

“Êta, mundo velho sem porteira!”, “No dia de São Nunca”, “Maria vai com as outras”, “Marinheiro de primeira viagem”, “Hora da onça beber água”, “Podre de rico”, “Comer gato por lebre”, “Fazer de gato e sapato”, “Jogar verde para colher maduro”.

Frases de pára-choques de caminhão

Você já deve ter visto as humoradas frases escritas em pára-choques de caminhões. Elas traduzem o pensamento cotidiano do nosso povo e levam mensagens por este Brasil afora:

“Em terra de cego quem tem um olho é caolho”, “Quem ama a rosa suporta os espinhos”, “Preguiça é o habito de descansar antes de estar cansado”, “Para que um olho não invejasse o outro, Deus colocou o nariz no meio!”, “Não sou detetive, mas só ando na pista”, “Casei-me com Maria, mas viajo com Mercedes”, “Se não fosse o otimista, o pessimista nunca saberia como é infeliz”, “Seja paciente na estrada para não ser paciente no hospital”, “Não sou orquestra, mas vivo no conserto”, “Sou grande porque respeito os pequenos”, “O sol nasce para todos”, “A sombra para quem merece”, “Nosso amor virou cinzas porque nosso passado foi fogo”, “Seja dono de sua boca para não ser escravo de suas palavras!”, “Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão”, “Beijo de mulher casada tem gosto de chumbo”, “Casamento é o fim das criancices e o começo das criançadas”, “Na subida você me aperta, na descida nóis se acerta”, “Quem corre cansa, quem anda alcança”, “No baralho da vida, só encontrei uma dama”.

Adivinhações ou charadas

Uma forma bem divertida de apresentar as adivinhações ou as charadas é espalhar as perguntas pela sala, ou até mesmo pela escola e depois marcar um dia para desvendá-las. Adivinhações são enigmas universais que atravessam séculos, são anônimas e populares. Mas pra ser uma adivinhação, é necessário que haja personificação de qualquer objeto de formação mítica e que haja analogias entre o problema e a solução. No Brasil, temos adivinhações de origem indígena, africana e, a maior parte, de origem portuguesa.

"O que é o que é, que corre o mundo inteiro e entra em todas as casas sem pedir licença?" (Vento).

"O que é o que é, que se pode usar melhor depois que se quebra?" (Ovo).

"O que é o que é, que tem coroa, mas não é rei, tem escamas, mas não é peixe?" (Abacaxi).

"Qual é o cúmulo da força?" (Dobrar a rua e quebrar uma esquina).

Folclore de botequim

O folclore de botequim são as frases ou quadrinhas escritas nas paredes de bares e botequins, chamando a atenção, por exemplo, para o fato de não vender fiado:

"Freguês educado não cospe no chão, não pede fiado e não diz palavrão";

"Fiado? Só em dia de feriado, que o boteco está fechado";

"Não passe sem parar, não pare sem entrar, não entre sem gastar, não saia sem pagar";

"O fiado me dá pena e a pena dá cuidado. Me vejo livre da pena não lhe vendendo fiado";

"Fiado só se faz a um bom amigo, e o bom amigo nunca pede fiado".

Trava-línguas

Os trava-línguas são frases de pronúncia difícil, rápida e repetida, nada mais são do que exercícios de dicção. Tem sua origem na cultura popular e são modalidades de parlendas, em prosas, versos, ou frases, ordenadas de tal forma que se torna difícil pronunciá-las sem tropeço ou sem travar a língua

como o próprio nome diz. São ótimos para serem trabalhados interdisciplinarmente nas oficinas culturais no âmbito escolar com a intenção de trabalhar a consciência fonológica, melhora na dicção e na leitura oral. Deve-se ter o cuidado de não expor alguma criança que possua dificuldades de fala.

Além de ser divertido trabalhar a criatividade, os trava-línguas são recursos que podem ser utilizados como exercícios de postura da voz a ser empregada nas atividades de teatro, música, artes cênicas etc.

"Três tigres tristes", "A aranha arranha o jarro, o jarro arranha a aranha, nem aranha arranha o jarro, nem o jarro arranha a aranha".

IMPORTANTE

Réplicas

Réplicas são certas expressões de uso freqüente na linguagem cotidiana com complementos rimados. São usadas mais no repertório infantil e sofrem algumas modificações de região para região.

"Quem cochicha o rabo espicha", "Quem escuta o rabo encurta, e quem se importa o rabo entorta", "Chuva e sol, casamento do espanhol. Sol e chuva, casamento da viúva", "– Já vou. – Já vai tarde", "– Tô de bem! – Parabéns! – Tô de mal! – Come sal", "– Tá com mágoa? – Bebe água".

"Sugestões:

Cantigas de roda*"*
(selo Palavra Cantada), produzido por Sandra Peres e Paulo Tatit, é uma seleção de canções tradicionais brasileiras, com a participação das cantoras Ná Ozzetti e Mônica Salmaso. Contém, ao todo, vinte faixas, dentre elas: "Sapo Jururu", "A canoa virou", "Pombinha branca", "Osquindô-lêlê", "O cravo e a rosa".

Brincadeiras

Várias formas de brincadeiras e brinquedos infantis enriquecem a cultura brasileira, bem como as canções que as acompanham e que chamamos de **cantigas de rodas**. Assim, podemos citar os jogos da sorte, as cirandas, o empinar papagaios ou pipas, o pegador, a bolinha de gude, o estilingue etc.

As vantagens de resgatar as velhas brincadeiras de infância são imensas, pois desenvolvem as habilidades quanto à noção de espaço, da lateralidade, da coordenação motora, da interação grupal e tantas outras capacidades. Estas brincadeiras não devem ser restringidas apenas às crianças menores, mas que sejam utilizadas também como um recurso para repensar valores sociais, socioculturais, como, por exemplo, o consumismo por brinquedos caros e solitários.

Cantigas de roda

As cantigas de roda, **cirandas** ou **brincadeiras de roda,** que têm origem folclórica, são mais usuais entre as crianças. As letras das canções podem sofrer variações regionais, comuns em manifestações de transmissão oral.

Entre as cantigas de roda mais conhecidas estão: **"Ah, eu entrei na roda", "Capelinha de melão", "O meu chapéu", "Marinheiro", "Ciranda, cirandinha", "Roda pião"**, **"Escravos de Jó"**, **"Rosa juvenil"**, **"Sapo Jururu"**, **"O cravo e a rosa".**

3 Teatro

Para fins da produção de oficinas culturais, vamos definir o teatro a partir de uma tríade fundamental: ator(es), texto e platéia.

Os que representam são os atores, o local onde representam é o palco. Os que assistem são os espectadores. Nesse contexto, várias são as possibilidades de criação de uma oficina.

As oficinas teatrais constituem-se como um excelente recurso para o desenvolvimento das possibilidades de ver, ouvir, interpretar e julgar as qualidades dos objetos artísticos e das manifestações culturais.

O indivíduo abre-se para novas possibilidades de ação, assim como para mudanças internas e externas, e isso cabe perfeitamente nas atividades curriculares e extracurriculares. Um exemplo disso é interdisciplinar a oficina cultural com práticas de leitura, pois ler mobiliza mecanismos lingüísticos, psicológicos, sociais, culturais e históricos que resultam na produção de sentidos.

Além disso, as atividades voltadas para esse tipo de arte desenvolvem o processo criativo, a socialização de idéias e temas sociais que valorizam o papel do cidadão, fator importante na construção dos saberes e na consciência da dignidade humana. Essa capacidade de criar está ligada ao processo de viver e organizar experiências vividas, ampliando o repertório existencial de todos que atuam na escola.

4 Dança

A dança é uma das manifestações da cultura que está associada ao desenvolvimento das capacidades de expressão corporal. É no movimento que a dança acolhe sua dimensão expressiva.

Então, nada melhor que começar a se movimentar logo cedo. A dança pode ser introduzida na escola por meio de brincadeiras de roda ou de danças circulares. São elas que favorecem o desenvolvimento do ritmo individual e coletivo e, conseqüentemente, introduzem os movimentos inerentes à dança. É participando de atividades simples e lúdicas que vamos descobrindo e explorando movimentos acompanhados de um ritmo. Expressando nossas emoções, ampliamos as possibilidades do uso significativo do gesto e das posturas corporais. Com isso, adquirimos cada vez mais o controle sobre nosso corpo e nos apropriamos das possibilidades de interação com o mundo.

Você já viu que o Brasil é rico em danças, folguedos, brincadeiras de roda e cirandas. Sua escola procura resgatar esta cultura?

Pois bem, estas danças-brincadeiras oferecem boas oportunidades de socialização e resgate da nossa cultura pela riqueza de seus variados movimentos de qualidades expressivas e rítmicas. Danças como a catira paulista, o coco de roda alagoano, o maracatu e o frevo pernambucanos, o bumba-meu-boi maranhense, a chula rio-grandense, as quadrilhas, entre tantas outras danças do nosso Brasil, apresentam características muito expressivas e revelam, por seu lado, a cultura corporal de cada grupo social, constituindo atividades privilegiadas especialmente em razão do movimento aprendido e de seu significado.

5 Artesanato

O artesanato está presente em todas as comunidades. Não é preciso andar muito para encontrar quem saiba fazer um crochê, bordar, costurar, enfim, trabalhar artisticamente de forma artesanal. Certamente, em sua cidade, bem pertinho de você, podem-se encontrar mãos habilidosas que ajudam a construir e constroem a cultura local.

O artesanato é outra atividade que pode enriquecer as oficinas culturais, pois ele traz também seu valor histórico e cultural. Propostas podem ser elaboradas no âmbito da escola para resgatar este tipo de arte, coletando informações sobre sua origem em *sites*, livros, revistas, identificando pessoas da comunidade que produzam os mais variados tipos de artesanato, aprendendo com elas, até mesmo, como geram renda negociando suas produções. Uma vez identificadas, essas pessoas podem ainda participar das atividades de oficinas na escola, pois através da oralidade e da experiência, elas contribuem para manter vivos certos hábitos culturais.

6 Museus

No Módulo* Biblioteca escolar *você leu sobre os museus. Viu que, diferentemente do que se pensava antigamente, o museu era apenas um lugar de guardar coisas antigas, parado e distante da dinâmica das obras ativas, hoje, o museu é um espaço vivo e dinâmico que pode ser um abrigo da memória, mas, sobretudo, ele é um lugar de possíveis interações entre passado, presente e futuro.

Viu, ainda, que o museu não é um lugar apenas da arte, mas que ele tem um sentido mais abrangente, de local de pesquisa, estudo, educação e entretenimento. Seu papel cultural vai além de guardar e preservar os registros do tempo, pois ele é um veículo a serviço do conhecimento que contribui para o desenvolvimento da sociedade.

Dentre as sugestões dadas naquele módulo, foi incentivada a formação de um museu na escola. Um espaço para algumas atividades de conscientização da importância de resgatar a memória. Agora, a nossa proposta é um pouco diferente. Se você gostou da idéia de criar um museu na escola, ou até mesmo já começou este trabalho, muito bem! Se ainda não teve esta oportunidade, seja por falta de espaço, seja por outras dificuldades, propomos uma idéia mais simples: a oficina cultural sobre museus.

IMPORTANTE

Mas como funciona essa oficina?

De forma bem simples: por meio de pesquisas, debates, apresentação de vídeos, exposições, mostras e palestras sobre o museu. Assim, mesmo quem nunca pôde conhecer essa riqueza de perto, poderá ter a oportunidade de entender o que é um museu, o que ele abriga, seus objetivos e seus encantos.

Sugerimos, ainda, um cantinho especial que pode ser utilizado para contar a história da escola.

A sua escola tem história? Claro, toda escola tem. Cada aluno(a), professor(a), diretor(a), secretário(a), merendeiro(a), auxiliar de limpeza, enfim, todos que por ela passam, de alguma forma dela participam e tecem sua história. Deixam seus rastros, suas marcas, suas lembranças, sua memória, que são a matéria-prima da história. Muitas vezes esquecidas no abandono dos álbuns de retratos, dos diários escolares, dos velhos livros de matrículas, nas carteiras antigas, nas cartilhas de alfabetização, nos relógios parados, nos troféus escondidos, nos livros e canetas perdidos. Então, arregace as mangas, está na hora de tornar pública a história da sua história.

Nesta atividade tão simples, podemos colher a principal missão do museu: desenvolver o espírito crítico na comparação com o presente, tendo o compromisso com o conhecimento, a memória e a reflexão. O que, conseqüentemente, enriquece a formação da comunidade na conquista da cidadania, no respeito às culturas do passado e suas tradições.

Tudo isso deve ser feito de forma bem organizada e correta, com orientação do diretor de um museu da cidade, um museólogo ou de um professor ou artista estudioso do assunto, porque a questão envolve arte, técnica e conhecimento.

7 Artes plásticas

A expressão artística por meio das artes plásticas também é uma rica forma que temos de desenvolver a imaginação criadora, a sensibilidade e a capacidade estética, explorar os sentimentos, refletir e elaborar significações sobre o mundo.

Para isso, a oficina de artes plásticas deve ser bem pensada, estruturada em conjunto com um profissional que possa desenvolver um trabalho de qualidade e não como mera atividade de passatempo em que o desenhar, o colar, o pintar sejam destituídas de significados.

Todas as atividades na oficina de artes plásticas devem conduzir seus participantes para o processo criador e sobre as artes das várias culturas. Devem valorizar a livre expressão e a sensibilização para o desenvolvimento do potencial criador. Mas também requerem uma atenção quanto ao respeito das potencialidades e conhecimentos próprios de cada faixa etária e nível de desenvolvimento. Isso significa que o pensamento, a sensibilidade, a imaginação, a intuição e a cognição de cada participante devem ser trabalhados de forma que desenvolva as capacidades criativas.

Para que isso ocorra, a criatividade não deve ser tratada como algo isolado, mas sim dentro de um vasto contexto envolvendo problemas sociais, econômicos, políticos e culturais, para que os envolvidos na proposta possam perceber a realidade e criar novas formas de arte de acordo com certas conveniências vitais.

> Criar é basicamente formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse "novo", de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar (OSTROWER, 1997).

Nesse sentido, alguns aspectos devem ser bem estruturados para que a linguagem que se faz nas artes plásticas e visuais seja a expressão e a linguagem com características próprias cuja aprendizagem se dá por meio do fazer artístico,

da apreciação e da reflexão. Vejamos então como podem ser exploradas:

IMPORTANTE

- Quanto ao espaço da oficina de artes plásticas: deve ser amplo, confortável, dando autonomia para que o participante tenha acesso e uso dos materiais, que tenha local para exposição e secagem de seus trabalhos. Torneiras e pias são necessárias para a lavagem dos objetos e instrumentos utilizados.
- Quanto aos materiais: devem estar acomodados em prateleiras, estantes e caixas de fácil alcance, devem também ser dos mais variados tipos, com atenção para os de uso constante, como o lápis preto, o lápis de cor, pincéis, tintas, cola, papéis, barbantes, lãs, linhas, tesouras, lápis de cera, tecidos, sucatas etc. Cada Região deve aproveitar os recursos próprios da natureza, como sementes, folhas, pedras, areias etc.
- Quanto ao reconhecimento e à valorização: o espaço deve possibilitar a exposição dos trabalhos e deve-se ter o cuidado com os objetos produzidos, valorizando as produções. É aconselhável que, por meio da apreciação individual e coletiva, os participantes reconheçam e estabeleçam relações com seu universo. Ao permitir que falem sobre suas criações e escutem as observações dos outros colegas sobre seus trabalhos, os participantes poderão reformular suas idéias e construir novos conhecimentos. Uma boa exposição e apreciação colaboram para a auto-estima e estimulam cada vez mais a produção de novos trabalhos.

Então, na oficina de artes plásticas, podemos enfatizar estes pontos: a produção, a exposição, a valorização e o reconhecimento. Eles formam um conjunto que alimenta a produção e o desenvolvimento artístico. É importante, ainda, que sejam valorizadas a espontaneidade e a autonomia na exploração e no fazer artístico dos participantes. Assim, a expressão revelará o local e a época em que vivem, suas oportunidades de aprendizagem, suas idéias ou representações e a reprodução da arte à qual têm acesso, assim como seu potencial para refletir sobre todo o fazer artístico.

8 Música

A música está presente em todas as culturas. Sua linguagem musical possibilita expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos por meio da organização e da sintonia entre o silêncio e o som.

De modo intenso, a música está presente em nosso cotidiano. Temos músicas para dançar, para dormir – e até para chorar os mortos. Temos os jingles *usados em variadas ocasiões, no rádio, na TV, no cinema, no teatro, na dança e na escola, como instrumento de educação de valores e conceitos etc. Do popular ao clássico, todo o tempo somos envolvidos pelos sons musicais.*

Faça um exercício: observe os sons musicais durante um dia e os relacione. Perceba a variedade de ritmos e os propósitos da utilização desta linguagem. Um bom começo para a oficina de música é resgatar as músicas que encantaram a infância de todos nós.

Você se lembra das músicas que cantava quando criança, brincando de roda ou ouvindo dos mais velhos? Certas músicas que ouvimos na infância foram tão marcantes que, mesmo adultos, ainda podemos nos lembrar de muitas de suas letras e melodias. Você considera que essas músicas foram importantes em sua formação cultural? Registre no seu memorial.

Também nas brincadeiras de rodas, cantando, aprendemos a nos relacionar socialmente. Além disso, esse tipo de brincadeira desenvolve na criança o senso de organização, o espírito de equipe, o toque corporal, o senso rítmico pela música e pelo movimento que ela cria, tudo isso despertando a alegria e a descontração. As cantigas de roda são basicamente do nosso folclore. As letras, as melodias e os ritmos são bastante lúdicos, envolvendo de maneira coletiva várias brincadeiras, danças e trava-línguas.

A música tem forte poder de integração com as outras artes, especialmente a dança, o cinema, o teatro, as artes visuais – e até mesmo com a literatura, sobretudo na poesia. O interesse e o fascínio pela música costumam ser intuitivos.

O trabalho em uma oficina de música pode desenvolver as capacidades de ouvir, perceber, discriminar os diversos tipos sonoros e produções musicais, utilizar a linguagem musical para expressão de idéias, socializar, brincar, imitar, inventar e reproduzir criações musicais.

Dentre as mais variadas atividades da oficina musical, destacamos as seguintes:

- Jogos de improvisação: são atividades que possibilitam o exercício criativo de situações musicais como ouvir e classificar os sons quanto à altura, imitar variados sons (de animais, máquinas, objetos, pessoas etc.) e compará-los, estabelecendo relações e discriminando os sons graves ou agudos, curtos ou longos, fracos ou fortes e outros exercícios que estimulem a memória auditiva.
- Composição musical: consiste em criar melodias e letras a partir de estruturas fixas e determinadas.
- Interpretação: é a execução de uma composição musical com a participação expressiva do intérprete.

- Apreciação musical: concentra-se na audição e na interação com variadas músicas.
- Coral: possibilita trabalhar o corpo e a voz como um todo, destacando-se os seguintes itens: relaxamento corporal, que promove a ambientação, proporciona controle dos movimentos respiratórios e auxilia na concentração; técnica vocal, que consiste em ajudar a descobrir a própria voz, produzi-la conscientemente e com facilidade; e o repertório, que é identificado pela audição de composições da música popular brasileira.

Para o iniciante na oficina musical, é importante introduzir canções do cancioneiro popular infantil e a música popular brasileira, desde que estas sejam as que exijam pouco esforço vocal. O objetivo não é formar músicos, mas introduzir essa expressão como forma de linguagem e socialização.

9 Vídeo

Para a oficina de vídeo, basicamente, faz-se necessário uma sala com cadeiras, um aparelho de vídeo ou DVD, uma TV e uma boa dose de criatividade na hora de fazer a seleção do filme.

Alguns critérios precisam ser observados, principalmente a adequação do tema à idade dos alunos, a qualidade da obra e o tempo de duração do filme.

Muitos filmes são baseados em obras literárias: *O auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna; *O pequeno príncipe,* de Antoine de Saint-Exupéry; *O nome da rosa,* de Umberto Eco; *O código da Vinci,* de Dan Brown, entre outros. Esta é uma excelente oportunidade de comparar as duas artes: literatura e cinema.

Outros bons filmes e documentários tratam de questões importantes na atualidade, como o meio ambiente, o avanço tecnológico, as descobertas na ciência, especialmente da

medicina, que beneficia mais diretamente as pessoas. Merecem um destaque especial os documentários que trazem o conhecimento de nossa história, dos processos formadores de nossa identidade social e cultural. A proposta é discutir o passado com enfoques no presente e no futuro.

IMPORTANTE

Mas não basta reunir os alunos e assistir ao filme. Todo um trabalho pedagógico deve permear essa atividade. Uma boa discussão possibilita ampliar a visão, ver além e com outros olhos. Deve-se destacar tanto a qualidade cultural quanto a educativa.

10 Cinema

A oficina de cinema talvez seja um pouco mais trabalhosa que a de vídeo. Sua proposta exige a dedicação de um profissional que saiba trabalhar os elementos que compõem um filme: estrutura narrativa, direção, roteiro, fotografia, montagem, trilha sonora etc.

É fundamental o conhecimento das diferentes fases da história do cinema. Fazer uma análise da sua evolução através da história. Apresentar o cinema como arte e objeto de estudo, mostrando que na sua construção estão presentes significações históricas, filosóficas e psicológicas. E ainda conhecer filmes fundamentais do cinema brasileiro e mundial e a obra de importantes diretores.

11 Literatura

Antes de apresentar uma proposta voltada para a prática literária a ser desenvolvida na escola, é importante você ter um conhecimento da situação de leitura na sua escola. Isso o ajudará a elaborar um bom projeto.

Comece por um pequeno levantamento, entre trabalhadores em educação e alunos sobre:

- ***O nível de interesse pela leitura.***
- ***Quantos livros já leram no ano?***

- *Que livro leu recentemente?*
- *O gênero de literatura predileto.*
- *Que tipo de livros gostaria que a escola tivesse.*
- *Como são feitas as escolhas dos livros na escola.*
- *Há prática de leitura em casa?*
- *Dez motivos para ler.*
- *Dez motivos para não ler.*

Esse mapeamento é um dos primeiros passos para você pensar em idéias que poderão ser realizadas na escola e até mesmo fora dela, porque, afinal, a leitura cabe bem em qualquer lugar.

Explorar a literatura na escola é simplesmente abrir o espaço para a promoção da leitura, pois assim, como as demais artes, é uma provocação à razão, à emoção e à sensibilidade. É por meio de atividades como essas e muitas outras, que privilegiem a literatura, que podemos proporcionar à escola e à comunidade, como um todo, estímulos para uma formação permanente. Uma vez encantado com o livro, o leitor passa a ter autonomia e, independentemente das ações motivadoras, será sempre um leitor.

O que podemos fazer numa oficina literária?

Estimular o gosto pela leitura, exercitar habilidades de escrita e interpretação, ampliar o conhecimento sobre a diversidade de textos literários, desenvolver o potencial criativo de forma artística. Divulgar e incentivar a literatura constituem um dos principais objetivos das oficinas literárias.

Podemos trabalhar uma oficina literária de várias formas, aqui vamos citar algumas:

Roda de leitura: você viu no Módulo *Biblioteca escolar* que a literatura comentada em grupo traz novas perspectivas de leitura, favorece o encontro de outros leitores e a troca de impressões. A leitura compartilhada ganha uma fruição comum e uma interação com os outros leitores. A roda de leitura é uma atividade em que você e seu público leitor dividem os saberes, as experiências que foram manifestadas ao encontrar na palavra algo que modificou seu pensamento. São conduzidas por um mediador que ajuda os participantes a compreender melhor um texto, uma obra ou um autor.

Oficina de leitura, escrita e interpretação: trabalha vários gêneros literários e diferentes tipos de textos como o conto, o poema, a crônica, o romance, o texto informativo, o publicitário, o dissertativo, o descritivo, o argumentativo etc.

Encontro com o escritor: o leitor apresenta ao escritor as vivências das obras lidas por meio de teatro, música, poesia, ilustração, leitura ou narração de partes dos livros. O escritor é entrevistado e dialoga com o leitor, fala de suas experiências literárias, sobre suas obras, seus personagens, o contexto histórico e as curiosidades.

IMPORTANTE

***Além das oficinas literárias aqui sugeridas, o Módulo* Biblioteca escolar *que você estudou oferece várias sugestões nesse sentido, especialmente a promoção de saraus de poesia, café literário, feira do livro, idéias que podem ser ampliadas. Vale a pena reler o Módulo* Biblioteca escolar.**

Considerações finais

A partir da definição de cultura chegamos às oficinas culturais. Elas foram definidas como um espaço de experimentação, descoberta e criação. Por pressuposto, acreditamos que todos somos capazes de participar com proveito das possíveis atividades desenvolvidas. Também, como pressuposto, concluímos que as oficinas culturais são um espaço de aprendizagem permanente e de troca de informações e experiências no cotidiano da escola. Finalmente, apresentamos vários exemplos de como elas podem ser concebidas e realizadas na escola.

Esperamos que a abordagem constante neste instrumento de estudo contribua com sua formação profissional e pessoal no sentido de facilitar sua ação no fazer pedagógico da escola e nas relações com a comunidade. O intuito do módulo foi de propiciar a você, que está se habilitando em técnico em multimeios didáticos, uma reflexão sobre como as crenças, os valores e as linguagens se constituem em fatores significativos na utilização dos bens culturais produzidos por determinada comunidade.

A todos os que estiveram até aqui, desejamos sucesso e um bom trabalho!

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Walda de Andrade. *Curso de capacitação para dinamização e uso da biblioteca pública*. 2. ed. São Paulo: Global, 2000.

BAREICHA, Paulo. A construção coletiva da consciência ecológica por meio da pedagogia do drama. In: FLEURY, Heloisa; MARRA, Marlene. *Intervenções grupais na educação*. São Paulo: Agora, 2005. p. 167-177.

_____. *Representações sociais do teatro*. Tese (Doutorado)–Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. In: BORNHEIM, G. et al. *Cultura brasileira*: tradição/contradição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ Funarte, 1987. p. 33-57.

BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular*: leituras de operárias. Petrópolis: Vozes, 1972.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Mostra de cultura popular.* Sesc, S.l.; S.d. Rio de Janeiro: Serviço Social do Comércio, 1980. (BAA.)

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência*: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *Cidadania cultural*: o direito à cultura. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

GUERRA, Jacinto. *Gente de bom despacho*. Brasília: Thesaurus, 2003.

_____. *O gato de Curitiba*: crônicas de viagem e outras histórias. Brasília: Thesaurus, 2004.

_____. *O prazer da Leitura*. Brasília: Thesaurus, 1997.

MINISTÉRIO DA CULTURA. *Legislação cultural que incidem no Programa Nacional de Apoio à cultura*. Brasília: CGOI; Sefic; Munc, 2007.

_____. *Leis de incentivo à Cultura*. Brasília, [s.d.] Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=135851>. Acesso em: 24 set. 2007.

_____. *Lei do Audiovisual.* Brasília, [s.d.]. Disponível em: <www.ancine.gov.br>. Acesso em: 24 set. 2007.
_____. *Lei Rouanet*. Brasília, [s.d.]. Disponível em: <www.cultura.gov.br/legislacao/leis>. Acesso em: 24 set. 2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*, Brasília. Disponível em: <www.mec.gov.br>.

MORIN, Edgar. *Cultura de massa do século XX*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

ORTIZ, Renato. *Cultura popular*: românticos e folcloristas. São Paulo: Olho d'água, 1992.

OSTROWER, Fayga. *Acasos e criação artística*. Rio de Janeiro: Campus, 1995.
_____. *A sensibilidade do intelecto*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
_____. *Criatividade e processo de criação*. Petrópolis: Vozes, 1997.

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA. *Arte Contemporânea em Ações Interdisciplinares na Escola*. Brasília: Departamento Nacional. 2006.

SOEIRO, Alfredo. *O instinto de platéia na sociedade do espetáculo.* Brasília: Círculo de Giz, 2003.

WOLFF, Janet. *A produção social da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

INSTITUTO FEDERAL
PARANÁ

PDE | PRONATEC

PROGRAMA NACIONAL DE ACESSO AO ENSINO TÉCNICO E EMPREGO

AGENTE CULTURAL